

Faculdade Damas da Instrução Cristã

Curso de Arquitetura e Urbanismo

Mariane Villarouco de Andrade Henrique

POCKET PARK: Estudo para alternativa de espaço livre público urbano em Recife-PE

Recife

2016

Faculdade Damas da Instrução Cristã

Curso de Arquitetura e Urbanismo

Mariane Villarouco de Andrade Henrique

POCKET PARK: Estudo para alternativa de espaço livre público urbano em Recife-PE

Trabalho de Graduação apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo como requisito da disciplina de TG2, lecionada pela professora Karina Alencar, para a conclusão de curso pela Faculdade Damas da Instrução Cristã.

Orientadora: Prof.^a Tatiana Cavalcanti

Recife

2016

Henrique, Mariane Villarouco de Andrade

***Pocket Park: estudo para alternativa de espaço livre público urbano em Recife-PE.* / Mariane Villarouco de Andrade Henrique. - Recife: O Autor, 2016.**

82 f.; il.

Orientador(a): Prof^a. Ms. Maria Tatiana Cavalcanti Fonseca.

**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.
Trabalho de conclusão de curso, 2016.**

Inclui bibliografia.

**1. Arquitetura e urbanismo. 2. *Pocket Park*. 3. Espaços livres - Brasil.
4. Espaços livres - Recife. 5. Equipamento urbano. I. Título.**

72

CDU (2.ed.)

Faculdade Damas

720

CDD (22.ed.)

TCC 2017-543

Mariane Villarouco de Andrade Henrique

POCKET PARK: Estudo para alternativa de espaço livre público urbano em Recife-PE

Monografia apresentada para
Graduação em Arquitetura e
Urbanismo da Faculdade Damas
da Instrução Cristã em Recife,
como requisito para obtenção do
título de Arquiteta e Urbanista.

Orientadora: Prof.^a Tatiana
Cavalcanti

Comissão Examinadora

Prof.^a Tatiana Cavalcanti – Orientadora

Curso de Arquitetura e Urbanismo - Faculdade Damas da Instrução Cristã

Prof.^a Letícia Querette

Curso de Arquitetura e Urbanismo - Faculdade Damas da Instrução Cristã

Prof.^a Ester Rodrigues da Costa

Curso de Arquitetura e Urbanismo – FBV - Devry

Recife, PE ____ de ____ de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me guiado e ajudado durante todo o curso e desenvolvimento do presente trabalho de graduação e em especial a minha mãe Viviane, ao meu pai José Mario e a minha irmã Giovanna, por todo o suporte, paciência, dedicação, atenção, carinho, incentivo e compreensão em todas as etapas vivenciadas no período em que estive na faculdade.

Aos meus familiares, avó, tios (as), primos (as), muitos que apesar da distância sempre demonstraram seu apoio ao longo desses anos. Agradeço às tias Fernanda e Vilma por toda ajuda proporcionada, principalmente, acadêmica; à tia Aldinha e também aos primos Marília, Priscilla e Luiz Henrique.

Agradeço aos amigos de longas datas que estiveram comigo também durante essa caminhada, aos colegas de estágio na DCurb, aos professores que me acompanharam ao longo da graduação e aos colegas de turma com os quais vivenciei várias fases do curso.

Meus sinceros agradecimentos a minha professora orientadora Tatiana, por toda a ajuda, conselhos e encaminhamento durante o desenvolvimento da monografia de conclusão de curso e às professoras Karina e Kainara, por todas as sugestões e direcionamentos no decorrer das disciplinas de TG.

RESUMO

A presente monografia aborda a temática do *pocket park* como uma alternativa diferenciada de espaço livre público para as cidades. A transformação da paisagem nos centros urbanos, que se encontram cada vez mais adensados de edificações, compromete a existência dos espaços livres, o que atinge diretamente a vida da população. O *pocket park*, viria a ser uma opção viável, pois não demanda de grandes terrenos para ser implantado, tornando-se um equipamento urbano mais fácil de ser instalado. As definições e históricos apresentados tratam da relevância da questão dos espaços livres nas cidades, a função e influência dos mesmos no ambiente urbano e, conseqüentemente, na vida dos cidadãos e as características e aspectos proporcionados pelos *pocket parks*. Uma abordagem específica sobre a questão dos espaços livres em Recife será elaborada, fundamentada em um material da paisagista Ana Rita Sá Carneiro. Por meio de estudos de caso serão enfatizadas as diferenças existentes na aplicação do conceito de *pocket park* e será realizada uma comparação entre eles. Um estudo de viabilidade realizado em uma área definida no bairro de Boa Viagem em Recife demonstrará espaços adequados para atender as condições necessárias à implantação de um *pocket park*, a partir da análise da região e dos terrenos selecionados com base em suas localizações, entorno, dimensões e características físicas.

Palavras-chave: Espaços livres. Equipamento urbano. Público. *Pocket park*.

ABSTRACT

This monograph deals with the theme of pocket park as a differentiated alternative of public free space for cities. The transformation of the landscape into urban centers, which are increasingly densely packed with buildings, compromises the existence of free spaces, which directly affects the life of the population. The pocket park would prove to be a viable option as it does not demand large plots to be deployed, making it an easier urban facility to install. The definitions and history presented deal with the relevance of the issue of free spaces in cities, their role and influence in the urban environment and, consequently, in the life of citizens and the characteristics and aspects provided by pocket parks. A specific approach on the issue of free spaces in Recife will be made, based on a material by the landscaper Ana Rita Sá Carneiro. Case studies will emphasize the differences in the application of the pocket park concept and a comparison will be made between them. A feasibility study carried out in a defined area in the Boa Viagem neighborhood of Recife will demonstrate adequate spaces to meet the conditions necessary for the implementation of a pocket park, based on the analysis of the region and the selected lands based on their locations, surroundings, dimensions and physical characteristics.

Keywords: Free spaces. Urban equipment. Public. Pocket park.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da Praça da Amauri.....	23
Figura 2: Praça da Amauri, São Paulo	23
Figura 3: Mobiliário de pallet.....	23
Figura 4: <i>Food Truck</i> em Porto Alegre	25
Figura 5: Tuk-tuk em São Paulo	26
Figura 6: <i>Food Bike</i> em Recife.....	26
Figura 7: Mapeamento dos espaços livres do Recife	35
Figura 8: Localização do Paley Park	37
Figura 9: Entrada do Paley Park	38
Figura 10: Entorno do Paley Park.....	38
Figura 11: Mobiliário e cascata do Paley Park	39
Figura 12: Interior do Paley Park.....	40
Figura 13: Localização da Pracinha Oscar Freire	41
Figura 14: Localização da Pracinha entre as lojas	42
Figura 15: Interior da Pracinha.....	42
Figura 16: Área da rampa com piso pintado	43
Figura 17: Indicação de <i>wifi</i>	43
Figura 18: Painel interativo.....	44
Figura 19: Localização da Praça de bolso do ciclista	45
Figura 20: Composição da Praça de bolso do ciclista	47
Figura 21: Realização de atividades na Praça de bolso do ciclista.....	48
Figura 22: Feira de orgânicos	48
Figura 23: Apresentação na praça de bolso do ciclista.....	49
Figura 24: Localização do Formosa <i>Pocket Park</i>	50
Figura 25: Formosa <i>Pocket Park</i> – vista superior.....	51
Figura 26: Desenho dos caminhos inspirado em formas da natureza.....	51
Figura 27: Painéis vazados para sombreamento	52
Figura 28: Pórtico de entrada	53
Figura 29: Delimitação da área de estudo por meio do Google Maps.....	58
Figura 30: Delimitação da área de estudo com indicação de alguns serviços existentes	59

Figura 31: Identificação do terreno 1 na área delimitada	60
Figura 32: Localização do terreno 1	60
Figura 33: Identificação do terreno 2 na área delimitada	61
Figura 34: Localização do terreno 2	62
Figura 35: Identificação do terreno 3 na área delimitada	63
Figura 36: Localização do terreno 3	63
Figura 37: Identificação do terreno 4 na área delimitada	64
Figura 38: Localização do terreno 4	64
Figura 39: Identificação do terreno 5 na área delimitada	65
Figura 40: Localização do terreno 5	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Índices Urbanísticos para espaços livres.....	31
Tabela 2: Distribuição dos espaços livres por RPA.....	33
Tabela 3: Características gerais de um <i>pocket park</i>	54
Tabela 4: Tipologia dos espaços livres públicos por RPA.....	55

LISTA DE SIGLAS

CBS - *Columbia Broadcasting System* - Sistema Columbia de Radiodifusão

FIFA - *Fédération Internationale de Football Association* - Federação Internacional de Futebol

MoMA - *Museum of Modern Art* – Museu de arte moderna

ONG - Organizações Não-Governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

PMC - Prefeitura municipal de Curitiba

RPA - Região Político-Administrativa

SBAU - Sociedade Brasileira de Arborização Urbana

UGS - *Urban green space* - Espaço Verde Urbano

Wifi - *Wireless Fidelity* – Rede sem fio

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ESPAÇOS LIVRES E <i>POCKET PARK</i>	15
1.1 Espaços livres e centros urbanos	15
1.2 <i>Pocket Parks</i>	19
2. ESPAÇOS LIVRES NO BRASIL E NA CIDADE DO RECIFE	28
2.1 Breve histórico dos espaços livres no Brasil.....	28
2.2 Espaços livres no Brasil.....	29
2.3 Espaços livres em Recife	31
3. ESTUDOS DE CASO DE <i>POCKET PARKS</i>	36
3.1 Paley Park, Nova York.....	36
3.2 Pracinha Oscar Freire, São Paulo	40
3.3 Praça de bolso do ciclista, Curitiba	44
3.4 Formosa <i>Pocket Park</i> , West Hollywood	49
4. ESTUDO DE VIABILIDADE EM RECIFE	55
4.1 Terrenos selecionados	59
4.1.1 Terreno 1	60
4.1.2 Terreno 2	61
4.1.3 Terreno 3	63
4.1.4 Terreno 4	64
4.1.5 Terreno 5	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

O crescimento dos centros urbanos e a conseqüente transformação desses espaços provocam impactos na qualidade ambiental dos mesmos. A expansão do espaço urbano, devido às necessidades de uma estrutura que atenda às demandas exigidas pela vida cotidiana da grande população habitante dessas áreas, produz uma grande quantidade de construções nas cidades, resultando em cada vez menos espaços livres.

Essa configuração do espaço urbano, com um crescente adensamento de edificações, atinge diretamente a qualidade de vida da população. As pessoas precisam de áreas que possibilitem a elas algum contato com a natureza, um bem estar psicológico e lugares onde possam realizar atividades de lazer e convívio social.

A insuficiência desses espaços causa um desequilíbrio no meio urbano, interferindo em aspectos sociais, como a manifestação da vida pública; ambientais, como a necessidade de mais elementos naturais e possíveis alterações no clima; e paisagísticos, como a poluição visual causada pela grande quantidade de edificações (CAVALHEIRO e DEL PICCHIA, 1992).

O presente estudo busca estudar a viabilidade de possíveis ambientes que minimizem essa deficiência e melhorem a estrutura física das cidades, tendo como objeto de estudo a análise do *pocket park* como alternativa de espaço livre público em função de uma melhor qualidade do meio ambiente urbano.

O *pocket park* é um equipamento urbano adotado em diferentes países, como Estados Unidos, que foi onde surgiu o primeiro *pocket park*, Inglaterra, Japão, Dinamarca, entre outros. O espaço torna-se um atrativo no local onde são implantados, propiciando a visitação e o uso das pessoas. Recife é um centro urbano que necessita de mais áreas livres públicas e possui potencial para o desenvolvimento destas, podendo aderir à utilização do *pocket park* como uma alternativa desses espaços, já que não são encontrados registros da utilização dos mesmos na cidade.

Visto que o *pocket park* ainda não é um ambiente de grande conhecimento das pessoas ao se tratar de espaços livres, o presente estudo apresenta conceitos como uma forma de incentivo para a implantação desse tipo de espaço no município, proporcionando uma opção diferenciada de área pública para os moradores. Esses aspectos foram motivadores para a definição do tema a ser trabalhado nesta monografia de conclusão de curso.

Os espaços livres dentro da cidade possuem a finalidade, além da sua conservação e preservação, de proporcionar às pessoas áreas destinadas ao lazer, recreação, integração ao

verde e convívio social, promovendo uma melhor qualidade de vida aos habitantes. Também são atribuições desses espaços contribuir com a melhoria do clima urbano e equilibrar a paisagem edificada (TOLEDO E SANTOS, 2008).

A cidade do Recife possui um potencial para o desenvolvimento de espaços livres públicos, porém o mesmo ainda não foi explorado de forma que conseguisse suprir a demanda por essas áreas. A distribuição dos espaços livres no município não é regular e existe uma falta de prioridade política para a manutenção dessas localidades na cidade. Há também uma insuficiência de ambientes destinados à recreação, como praças, parques, pátios, entre outros (CARNEIRO e MESQUITA, 2000).

Os *pocket parks* são parques adaptáveis a pequenas áreas no espaço urbano, geralmente em lotes próximos a ruas ou avenidas movimentadas, de fácil acesso ao pedestre, funcionando como pontos de lazer e descanso para as pessoas. Por serem executados em lotes muitas vezes ociosos ou subutilizados na cidade, os *pocket parks* podem atuar como intervenções urbanas visando à melhoria da qualidade ambiental dos centros urbanos (PAGNONCELLI, 2008).

Devido às necessidades existentes no meio urbano por uma melhor qualidade espacial, o que inclui espaços livres e de uso público coexistindo com a concentração de edificações nas cidades, os *pocket parks* tornam-se uma alternativa interessante a ser estudada, por constituírem um equipamento público de pequeno porte e mais facilmente adaptável no espaço urbano.

A presente monografia tem como objetivo geral analisar a viabilidade da instalação do *pocket park* como uma alternativa de espaço livre público no meio urbano, a fim de proporcionar mais opções de áreas de lazer e convivência para a população, demonstrando a potencialidade dessas áreas como espaços livres públicos.

Para atingir esse propósito foram traçados alguns objetivos específicos:

- Abordar a importância e o papel desenvolvidos pelos espaços livres nos centros urbanos;
- Relatar a função e a influência que esses espaços exercem sobre o modo e a qualidade de vida dos cidadãos e dos ambientes urbanos;
- Destacar os benefícios que um *pocket park* traria para o local onde fosse implantado;
- Identificar estudos de caso de *pockets parks* de cidades brasileiras e também de outros países;

- Desenvolver um estudo de viabilidade para a instalação de um *pocket park* em Recife, apresentando possíveis terrenos como opções de áreas para implantação.

O desenvolvimento do estudo será realizado por meio de revisão de literatura com base em pesquisa bibliográfica, artigos científicos, publicações em periódicos disponibilizados em sites como USP, Scielo, entre outros e livros especializados em espaços livres públicos e *pocket parks*; estudos de caso de *pocket parks* e um estudo de viabilidade no bairro de Boa Viagem, em Recife, para a instalação de um *pocket parks*.

A primeira etapa do trabalho de conclusão de curso, que seria uma revisão de literatura, trata-se de uma pesquisa com delineamento bibliográfico para levantamento de dados sobre as publicações relacionadas ao assunto em questão. Por meio desta será trabalhada a abordagem dos espaços livres públicos; sua contextualização dentro dos centros urbanos e na cidade do Recife, especificamente; os *pocket parks* e suas características e os demais aspectos e conceitos tratados decorrentes desses temas.

Segundo Moresi (2003), a pesquisa bibliográfica irá contribuir para a obtenção de informações sobre o real estado do tema em estudo, conhecer os aspectos que já foram abordados em outras pesquisas e discorrer sobre opiniões similares e diferentes sobre o problema de pesquisa.

Na segunda etapa serão realizadas pesquisas de estudos de caso de *pocket parks* existentes em diferentes lugares, no Brasil e em outros países. Para Godoy (1995), o estudo de caso se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Ele acrescenta que o estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder as questões como e por que os fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de um contexto de vida real.

A terceira etapa será na forma de um estudo de viabilidade no bairro de Boa Viagem em Recife, onde serão selecionados alguns terrenos disponíveis para serem apresentados como opções de espaços para a implantação de um *pocket park*. A área escolhida para ser trabalhada será justificada e caracterizada e os terrenos apresentados serão avaliados de acordo com a sua localização, ambiência, características físicas e dimensões. Essa etapa será desenvolvida por meio do Google Maps.

O primeiro capítulo da monografia tratará de conceitos sobre espaços livres públicos e *pocket parks* e apresentará uma contextualização dos assuntos provenientes do tema principal, em relação aos centros urbanos. No capítulo dois será abordado o tópico de espaços livres no

Brasil e, mais especificamente, em Recife, trazendo um pouco sobre o histórico dessas áreas no local e algumas características importantes da cidade. Grande parte do estudo sobre espaços livres em Recife será realizada a partir de um trabalho já desenvolvido pela paisagista Ana Rita Sá Carneiro, em seu livro “Espaços Livres do Recife”.

O capítulo três irá mencionar estudos de caso de *pocket parks* em algumas cidades nacionais e internacionais para que os aspectos físicos desse equipamento possam ser mais compreendidos, a partir do fato de que no Brasil ainda não exista muitos espaços com esse caráter. Também será realizada uma comparação entre esses estudos de caso, apresentando possíveis diferenças que possam existir em cada um deles, quanto à aplicação do conceito.

O quarto e último capítulo apresentará um estudo de viabilidade que será desenvolvido em Boa Viagem, devido ao adensamento de construções existentes no bairro, à grande verticalização e ao número elevado de habitantes e frequentadores do lugar. Posteriormente serão selecionados alguns terrenos como opções de espaços para implantação, de acordo com o posicionamento dos mesmos, características físicas e entorno. Esses terrenos serão exemplo de áreas que estariam de acordo com as condições necessárias para a instalação de um *pocket park*, dentro do conceito desse tipo de equipamento público urbano.

1. ESPAÇOS LIVRES E *POCKET PARK*

1.1 Espaços livres e centros urbanos

A urbanização das cidades e o conseqüente crescimento destas têm por principal característica a ocupação do espaço urbano, que se encontra cada vez mais edificado e com uma menor quantidade de espaços livres disponíveis. A grande população existente nesses centros demanda muitos serviços para diversas finalidades como habitação, saúde, trabalho, comércio e, com isso, as cidades começam a ficar adensadas de construções para atender a todas essas especificidades.

A lei nº 6.766 de 1979, em seu inciso primeiro do artigo 4º estabelece que as áreas destinadas à circulação, equipamento urbano e comunitário e espaços livres de uso público devem ser proporcionais à densidade de ocupação prevista para a zona onde estão situados. Os grandes centros urbanos, onde os números de habitantes e construções são maiores, conseqüentemente necessitam de uma maior quantidade desses espaços.

Durante o processo de urbanização das cidades é que se dá a definição dos espaços livres públicos e privados, de onde se deve construir e impedir a ocupação, gerando a morfologia e o traçado urbano, delimitando também as áreas de preservação. Muitas vezes esse processo não se dá de forma planejada e adequada, como é o caso de várias cidades brasileiras, o que dificulta a obtenção de espaços para parques de forma suficiente para atender a todo o ambiente urbano. Nas grandes metrópoles esse fato se agrava, pois nelas a urbanização aconteceu de forma muito acelerada e as distâncias e dificuldades de locomoção são significativamente maiores (CUNHA, 2003).

A necessidade de espaços livres é um assunto recorrente quando se trata do atual estado da malha urbana. O adensamento de edificações nas cidades provoca conseqüências como problemas ambientais, de conforto térmico e deficiência em ambientes ao ar livre, voltados ao bem estar pessoas, à manifestação da vida urbana e comunitária, às práticas sociais e ao contato com a natureza (OLIVEIRA e MASCARÓ, 2007).

A ocupação do ambiente urbano de forma descontrolada, a intensificação de investimento em setores industriais e a pavimentação asfáltica do solo são fatores responsáveis por alterações no clima local. Esses aspectos também são geradores de desconforto ambiental em níveis acústico e visual, por exemplo, resultando em um espaço desagradável para o convívio humano (LOMBARDO, 1985 apud GOMES e SOARES, 2004).

Só é possível conceber um ambiente como dotado de “boa qualidade” desde que este apresente satisfação pessoal ao homem, em todas as dimensões da vida humana. Assim sendo, atributos como sujeira; trânsito; concentração populacional demasiada; construções desordenadas; ausência de elementos naturais como solo permeável, água e vegetação; bem como os diversos tipos de poluição em todas as suas dimensões são considerados fatores degradantes de um ambiente (GOMES e SOARES, 2004, p. 27-28).

A qualidade ambiental está relacionada principalmente com o tipo de utilização do solo. Os fatores ambientais de uma cidade, como a água, o ar, a biosfera e o solo, são resultantes da estrutura e do uso dessas áreas (NUCCI, 2008). Alguns dos indicadores para a avaliação do ambiente são aspectos urbanos como drenagem de águas pluviais, tratamento de resíduos sólidos, cobertura vegetal, risco geológico, nível de ruídos, poluição atmosférica, poluição hídrica, áreas verdes, dentre outros (LONDE e MENDES, 2014).

A vida urbana acaba por dificultar o contato do homem com o meio natural, por exigir deles um tempo maior de dedicação a ambientes fechados como escritórios, laboratórios e salas de reunião, por exemplo, o que provoca, em longo prazo, uma perda na qualidade de vida. O estresse e as doenças psicológicas que afetam o sistema nervoso das pessoas são, dentre outros fatores, provenientes do estilo de vida levado por elas, o que inclui a rotina de trabalho, a quantidade de tempo dedicado ao descanso e ao lazer e os lugares que são frequentados.

A influência dos espaços livres para os ambientes urbanos relaciona aspectos sociais, ecológicos, estéticos e educativos que interferem de forma direta na qualidade de vida da população (BARGOS e MATIAS, 2011). As pessoas necessitam de áreas abertas onde possam realizar atividades de lazer, descanso e relaxamento, lugares que proporcionem a elas um bem estar e sensação de tranquilidade, diferente do que, normalmente, a intensa agitação e movimentação das cidades grandes transmitem.

A definição de qualidade de vida está associada à qualidade ambiental, pois as condições físicas de um ambiente interferem no estilo de vida que os cidadãos possuem. A qualidade de vida relaciona aspectos que retratam o cotidiano da população, como infraestrutura, desenvolvimento econômico, social e fatores ambientais (PEREIRA, TEIXEIRA e SANTOS, 2012).

Os espaços livres provocam uma intermissão positiva na paisagem urbana, minimizando o efeito visual causado pelo aglomerado de construções e funcionando como pontos que harmonizam e dão mais vivacidade ao local. A estrutura das cidades interfere tanto

no modo de vida da população, como nos hábitos comportamentais, rotina e relação com o meio externo.

As áreas ao ar livre proporcionam uma possibilidade de fluidez para a mente dos cidadãos, desassociadas do estresse diário por fatores como trânsito, poluição nas suas diferentes categorias, contato com uma paisagem intensamente edificada e com escassez de elementos naturais. Essas áreas possuem a capacidade de restaurar a saúde psicológica das pessoas, além de proporcionar momentos de pausa e descanso da corrida rotina existente na vida dos moradores de cidades grandes.

Desde os primórdios da existência das cidades os espaços livres urbanos vêm se constituindo em importante elemento para a vida citadina. Ruas, largos, praças, pátios, quintais, jardins privados e públicos, parques, avenidas, entre os mais frequentes tipos de espaços livres, formam o sistema de espaços livres de cada cidade, de cada metrópole ou dos novos territórios urbanos, próprios da recente reestruturação produtiva, exópoles, megalópoles, metápoles, ou, simplesmente, territórios de urbanização difusa (QUEIROGA e BENFATTI, 2007, p. 81).

Segundo Cavalheiro e Del Picchia (1992), a definição atribuída aos espaços livres é de que os mesmos desempenham um papel ecológico, de integrador de ambientes diferentes, tendo como referências as funções estéticas e ecológicas. Essas áreas equilibram a paisagem do ambiente urbano e minimizam os efeitos negativos da urbanização.

Ainda sobre a definição de espaço livre, também se pode exemplificar, por meio de outro ponto de vista:

Como espaço livre entende-se qualquer espaço urbano fora das edificações e ao ar livre, de caráter aberto e, independentemente do uso, é destinado ao pedestre e ao público no geral. Os espaços livres de construção, como elementos integradores da paisagem urbana, são normalmente associados à função de lazer para as categorias como praças, jardins ou parques, e devem ser entendidos de acordo com as atividades e necessidades do homem urbano (MAZZEI, COLESANTI e SANTOS, 2007, p. 37).

Os espaços livres urbanos compõem um sistema que estabelece relações de conectividade, complementaridade e hierarquia. Entre suas atribuições, algumas vezes sobrepostas, estão a circulação, a drenagem, atividades do ócio, convívio público, marcos referenciais, memória, conforto e a conservação ambiental. Em cada cidade, o sistema de espaços livres procede de um maior ou menor nível de planejamento, elaboração de projeto e interesse da gestão pública (QUEIROGA e BENFATTI, 2007).

Os espaços livres de edificação são relacionados à manifestação da vida pública e englobam também áreas da cidade que são abertas ao público. São chamados de espaços públicos não apenas aqueles que são bens de uso comum do povo, como as ruas, praças, parques, mas todos os lugares onde se realizam ações da esfera coletiva, voltada ao uso geral da população (ALVARES, VAINER e QUEIROGA, 2009). Logo, todo ambiente aberto e de livre acesso às pessoas caracteriza-se como uma área pública (BERETTA e ANDRADE, 2015).

Na antiguidade, a *Ágora*, na Grécia, foi um dos espaços livres mais importantes existentes. Ela era considerada um centro espacial e social da polis e simbolizava a presença do povo nas ações políticas do país (SALDANHA, 1983). Era um lugar onde se situava a vida pública, com conversas, debates das ideias, negócios e tomadas de decisões. Constituíam um espaço delimitado por edificações de caráter público, com conjuntos de pórticos e colunatas abertas à população, onde os mercadores em feiras livres comercializavam seus produtos (DEGREAS, 2010).

Os projetos de espaços livres nos centros urbanos passam a ter um importante papel na definição do traçado e após a explosão demográfica causada pela chegada da Revolução Industrial na Europa. Surgem então as correntes higienistas como forma de conciliar o progresso acelerado das cidades com a qualidade de vida: o planejamento urbano propriamente dito. Os projetos de espaços livres nos centros urbanos ganham importância, passando a compor sistemas de áreas livres destinadas à recreação, ao ócio e ao convívio das classes sociais (GODOY e SCHENK, 2015, p.3).

Os espaços livres nos centros urbanos possuem, além de um papel social, uma função estratégica de planejamento urbano e constitui um elemento sustentador do território. Essas áreas deixam de ser apenas um local para futuras ocupações e representam um fator de redirecionamento do processo construtivo, ordenando o desenvolvimento dessas edificações na cidade (TARDIN, 2008).

Cavalheiro e Del Picchia (1992) diferem o termo 'espaço livre' de 'área verde', pois o primeiro se trata de um conceito mais amplo. Os espaços livres compreendem as áreas verdes e outras categorias espaciais, incluindo as águas superficiais, já a área verde diz respeito a um ambiente onde o verde é predominante na extensão referida.

Os espaços verdes são considerados indicadores na avaliação da qualidade ambiental nos centros urbanos, por serem áreas livres públicas obrigatórias nas cidades e interferirem nas condições fisiológicas do ambiente e também na forma de vida das pessoas no meio urbano (LIMA e AMORIM, 2006).

1.2 Pocket Parks

Dentro dos conceitos abordados referindo-se aos espaços livres, um equipamento público interessante e que agrega as propriedades expostas quanto à funcionalidade é o *pocket park*, ou “parque de bolso”. O *pocket park* é uma pequena praça que ocupa, normalmente, de 1 a 3 lotes, e se localiza em ruas ou avenidas movimentadas onde os pedestres tenham fácil acesso ao lugar. Esse ambiente atribui vários elementos a sua composição, dentre eles, recursos naturais, mas não como característica dominante, diferindo-se das praças (PRADO e SANT’ANNA, 2015).

A dimensão de um *pocket park* pode variar bastante, estando entre 300 m² e 3000 m², localizado sempre dentro de quadras densas, seja no meio delas ou nas esquinas, em terrenos regulares ou irregulares. Os *pocket parks* estão intimamente ligados ao bairro onde estão localizados e podem atender a diversas necessidades, como espaço para eventos, lugar de encontro para amigos, pausas para almoço, entretenimento para crianças, entre outras (ROTTLE e MARYMAN, 2006).

O conceito de *pocket park* foi demonstrado por Robert Zion em uma exposição de parques de Nova York, no ano de 1963. Zion apresentou protótipos para pequenos parques com dimensões de aproximadamente 15,00 m por 30,00 m. Esses espaços seriam localizados entre edificações, para que trabalhadores e clientes pudessem utilizar para momentos de descanso (TAMULEVICH, 1991 apud ALAN TATE, 2015).

Os *pocket parks* são comparados e até conhecidos como parques de vizinhança, por normalmente serem instalados entre duas construções, no meio de um quarteirão, servindo como área de lazer para moradores ou pessoas que trabalham na região (ARAÚJO, 2014). Segundo Escada e Kurkdjian (1993), parques de vizinhança são “espaços livres planejados para servir a uma unidade de vizinhança ou de habitação, podem ser definidos como extensão das residências”. O raio máximo de atendimento de um parque de vizinhança é de 500 m (KLIASS e MAGNOLI, 2006) e o de um *pocket park* é de 400 m (OLMOS, 2008).

O primeiro parque, dentro desse conceito, surgiu na cidade de Nova York, em 1967, quando foi inaugurado o *Paley Park* pelo então presidente da *Columbia Broadcasting System* (CBS), William Paley, com o intuito de criar um memorial para o seu pai falecido em 1963. Para a concepção do parque foram contratados os arquitetos paisagistas Robert Zion e Harold Breen, devido principalmente à realização de demonstrações que os mesmos participaram sobre esse tipo de espaço no ano de 1963. A ideia dos arquitetos ia contra a concepção de

dimensão de parques que o governo considerava viável, que era a partir de 12.000 m² (LOURENÇO, 2012).

O surgimento do *pocket park* na cidade de Nova York deve-se, além da divulgação das ideias de Robert Zion e Harold Breen sobre o potencial desses ambientes, a um programa da prefeitura que incentiva a abertura do nível térreo das edificações para espaços públicos, em troca de bônus para maiores potenciais construtivos. Para uma época em que os parques eram de grandes proporções e deslocados do centro, o Paley Park foi um projeto revolucionário e que serviu de inspiração para outros tipos de ocupação de solo urbano como esse (BOECHAT, 2015).

O *pocket park* é caracterizado por conter algum elemento com queda de água, pontos de venda de alimentos a preços razoáveis, mobiliário passível de transporte pelos usuários, de forma que eles tenham liberdade para posicioná-los como quiserem, e vegetação que proteja o local das intempéries. Essas características podem sofrer variações de acordo com a localização do projeto (MALUF, 2014).

Devem estar espalhados pela cidade visando atender a população local imediata, implantados de forma bem apropriada, dispostos a reagir com o microclima local, encorajando o uso dos espaços e se ligando a atividades comerciais e de serviços (PRADO e SANT'ANNA, 2015, p. 6).

A facilidade de manutenção dos *pocket parks* também são propriedades importantes consideradas para a concepção dos mesmos. Para o alcance desse propósito há o estabelecimento do tamanho reduzido da área, pouca vegetação, sendo a maior parte do local destinada ao espaço de convivência, cadeiras leves e portáteis (inspiração parisiense), utilização de materiais duráveis e o fechamento noturno, para garantir a segurança (LOURENÇO, 2012).

O sentido de acolhimento do *pocket park* é enfatizado pela divisão do espaço com os muros das edificações vizinhas e também pela extensão do piso da calçada ao parque, tornando-o convidativo ao pedestre. A subsistência dentro do espaço também é um ponto de atração importante, podendo ser um café ou livraria, por exemplo. O microclima, composto pela implantação de elementos com água no local, como quedas e espelhos de água, minimiza os ruídos externos da rua e contribui para o conforto térmico e ambiental do *pocket park* (MALUF e GONÇALVES, 2015).

Um espaço aberto de convivência, com pequenas proporções, agregando elementos naturais em sua configuração, inserido em um contexto de grande fluxo de pessoas, chama a

atenção do pedestre por destoar do entorno quanto à função exercida pelo mesmo. Muitas vezes os indivíduos se deslocam por lugares movimentados com estabelecimentos comerciais e outros serviços, a fim de realizar suas atividades rotineiras como trabalho, compras, resolver assuntos do dia a dia e não esperam se deparar com um local com características como as encontradas em um *pocket park*. Por isso se diz que esse ambiente funciona como um oásis urbano.

Os aspectos visualizados no *pocket park* convidam o público externo a usufruir do espaço e o fato desse equipamento possuir pequenas dimensões faz com que os indivíduos sintam-se acolhidos e confortáveis no ambiente. Espaço com proporções muito grandes podem transmitir às pessoas, em alguns casos, certa hostilidade ou a impressão das mesmas estarem perdidas ou desamparadas. Muitas vezes elas buscam por lugares menores e mais agradáveis, por estes locais passarem a sensação de segurança, refúgio, como se o lugar as envolvesse e proporcionasse esses sentimentos de aconchego e bem estar.

Um fator que dinamiza a utilização do *pocket park* em diferentes países é o fato de ele ser um modelo adaptável em que suas características principais são mantidas e outras regionais podem ser adicionadas, mas mantendo sua essência tipológica. Em Indiana, nos Estados Unidos, na cidade de Indianópolis, existe um programa municipal em parceria com a prefeitura da cidade onde o foco é transformar terrenos abandonados ou vazios, vagas de estacionamento, locais predispostos a atos ilegais em *pocket parks*, utilizando esse tipo de equipamento público como uma alternativa de revitalização e prevenção (PAGNONCELLI, 2008).

Uma tese realizada por Peschardt (2014), na cidade de Copenhague, tinha como objetivo descrever e associar o uso dos *pocket parks* com o potencial restaurativo psicológico desses espaços. A autora classificou esse tipo de equipamento como *urban green space* (UGS), ou ‘espaço verde urbano’ e o conceituou como uma área aberta pública e acessível, coberta por vegetação que pode apresentar um caráter exuberante ou com presença de apenas algumas árvores no local.

A partir do estudo desenvolvido, foi constatado que o principal motivo para as pessoas visitarem os *pocket parks* em Copenhague é para obter descanso e restituição psicológica, confirmando a hipótese de que esses espaços são um recurso na promoção da saúde humana em áreas adensadas da cidade (PESCHARDT, 2014).

Foi confirmado também que os recursos dentro dos *pocket parks* influenciam na utilização e na percepção do espaço, impedindo ou promovendo o potencial de saúde proporcionada por esses ambientes e o nível de contribuição para a infraestrutura verde

urbana. Por esse motivo, é importante que exista um designer mais específico para as necessidades locais, de forma que esse potencial possa ser mais aproveitado (PESCHARDT, 2014).

A propriedade dos *pocket parks* varia muito em cada lugar. Em alguns locais esse equipamento é de propriedade e também mantido pela cidade, em outros ele pertence e é de gestão de alguma organização não governamental. Há ainda o caso de haver parcerias público-privada para o financiamento da área. O *pocket park* é um espaço de uso público, podendo ser implantado em lote público ou privado (KRONKOSKY CHARITABLE FOUNDATION, 2016).

Enquanto alguns parques são financiados quase inteiramente com a iniciativa de fundos privado, muitos são tipicamente financiados por uma combinação de várias fontes de financiamento. Muitos *pocket parks* foram criados como resultado da organização e mobilização de grupos comunitários, com o intuito da obtenção de mais espaços abertos dentro do ambiente urbano, para comodidades importantes e desejáveis da comunidade. Alguns são de propriedade da cidade, mas com o acordo de que a execução e gestão serão realizadas por uma fundação ou outra organização, no caso da cidade ser incapaz de manter o parque (NATIONAL RECREATION AND PARK ASSOCIATION, 2012).

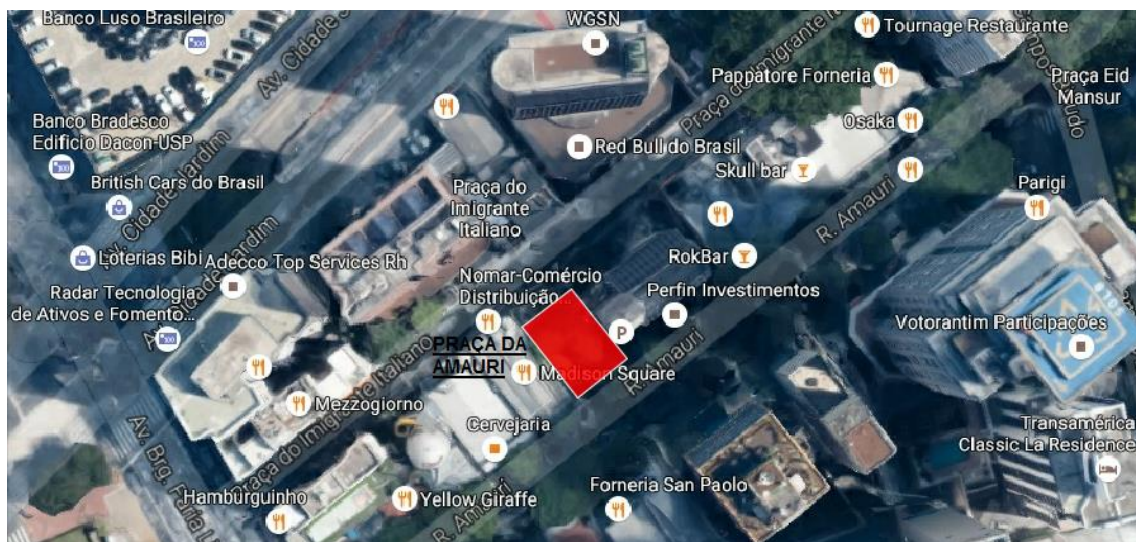
A área de um *pocket park* não comporta longos percursos a serem feitos pelos usuários e nem a setorização de muitos ambientes, com o intuito de oferecer grandes variedades de espaços, diferentemente de um parque ou de uma praça, que são concebidos para receber um público grande. A intenção de um *pocket park* é atender a um público local próximo. Os utilizadores desse equipamento não devem ter que andar mais de 5 a 10 minutos para chegar ao local e, idealmente, eles não devem requerer o uso de um carro (KRONKOSKY CHARITABLE FOUNDATION, 2016).

No Brasil o conceito de *pocket park* ainda não foi muito difundido e, conseqüentemente, sua utilização ainda é branda. O novo plano diretor aprovado em São Paulo no ano de 2014 prevê a execução de *pocket parks* na cidade com a intenção de serem vistos como parques de vizinhança, de apropriação coletiva e mantidos em parceria com a comunidade. A proposta tem como objetivos proporcionar opção de lazer e convivência, desenvolvimento cultural, melhoria ambiental e de qualidade de vida da população ao redor, movimentar o comércio no entorno de espaços verdes e também como uma tentativa de minimizar a violência urbana a partir da valorização do sistema de espaços públicos (FECOMERCIO SP, 2014).

Um dos primeiros exemplares de *pocket park* no Brasil é a Praça da Amauri, na cidade de São Paulo, que foi projetada pelo escritório do arquiteto Isay Weinfeld e inaugurada no ano de 2003. O acesso do local se dá pela Rua Amauri, que é ocupada, principalmente, por restaurantes (figuras 1 e 2) (BOECHAT, 2016).

A Praça possui 210 m², fica delimitada por dois edifícios e seu horário de funcionamento é das 08:00 às 00:00 horas, quando os portões são fechados até a manhã seguinte (WEINFELD, 2016). Após esse projeto, outros espaços também surgiram com a aplicação do conceito de *pocket park*, como a Pracinha Oscar Freire, também em São Paulo e a Pracinha de bolso do ciclista, em Curitiba (DIAS, 2014).

Figura 1: Localização da Praça da Amauri



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

Figura 2: Praça da Amauri, São Paulo



Fonte: BOECHAT, 2016

Por meio da disseminação do conceito de *pocket park* e do que ele pode representar nos centros urbanos, haveria um maior conhecimento desse tipo de equipamento pelos gestores das cidades. A partir disso, existiria uma maior possibilidade de interesse de investimento nesse tipo de espaço, integrando atores de naturezas diferentes como a própria comunidade, setores públicos e privados, organizações não-governamentais (ONG's) e outros grupos.

Os custos para um *pocket park* poderiam ser minimizados a partir de iniciativas como o uso de materiais reciclados para o mobiliário do local, como pallets (figura 3), por exemplo, e utilização de espécies vegetativas que não necessitem de grande manutenção. Também existem alternativas de subsistência através de serviços como *food trucks*, *food bikes* e *tuk-tuks*, por exemplo, ao invés de investir em estabelecimentos fixos que exigem uma demanda maior de materiais construtivos. As adaptações que podem ser realizadas nesse tipo de espaço, para cada local, são bastante variadas, facilitando a adequação desse equipamento público a necessidades e contextos diferentes.

Figura 3: Mobiliário de pallet



Fonte: PALLET DIY PROJECTS, 2016

O *food truck*, apresentado na figura 4, o *tuk-tuk* e a *food bike* são veículos adaptados para produzir ou servir comida nas ruas. O termo *Food Truck* e a forma de comercializar os alimentos nesta modalidade foram adotados dos Estados Unidos. No ano de 2008, quando os americanos e europeus estavam enfrentando uma crise econômica, muitos restaurantes fecharam e seus chefes, sem alternativa, começaram a investir em fazer comida para vender na rua, oferecendo pratos da alta gastronomia a preços menores do que os praticados nos restaurantes (SEBRAE, 2016).

Essa atitude foi muito bem aceita pelo mercado e o conceito desse tipo de serviço foi sendo espalhado para outros lugares, passando também a ser utilizado em centros urbanos

como Berlim, Londres e Tóquio. No Brasil, os *food trucks* ganharam força a partir do início de 2014. A cidade de São Paulo foi a primeira a executar a ideia e, mais tarde, outros centros urbanos também começaram a investir nesse setor (SEBRAE, 2016).

Figura 4: *Food Truck* em Porto Alegre



Fonte: GLOBO RS, 2015

O triciclo, que também é conhecido como *tuk-tuk* ou riquixá, é um tipo de veículo que possui característica de moto, como o baixo consumo de combustível e a proteção típica do automóvel. Ele é mais utilizado em países asiáticos, sobretudo na Índia, mas vários outros países já aderiram ao seu uso. Existem triciclos para transporte de passageiros, utilizados em cidades menores e também em hotéis, direcionado para os hóspedes, e os triciclos de carga, podendo ser com carroçaria aberta ou fechada (LIRA, 2014).

Os *tuk-tuks*, representados na figura 5, começaram a ser produzidos no Brasil no início de 2014, pela empresa paulista Motocar. A autorização da utilização do veículo para venda de alimentos pode variar, dependendo do município. Em São Paulo, a adesão aos *tuk-tuks* foi intensa e existem diversos produtos sendo comercializados por esse modelo itinerante (LIRA, 2014).

Figura 5: *Tuk-tuk* em São Paulo



Fonte: COLLOR, 2015

Uma alternativa de menor custo do que os *food trucks* e os *tuk-tuks* e que também passou a ser muito utilizada a partir de 2014 foi a *food bike*, representada na figura 6. O espaço ocupado pelas mesmas também é menor e os produtos podem ser comercializados por meio de adaptações realizadas na bicicleta para acoplar suportes que permitam o transporte dos itens que serão vendidos. Por serem mais fáceis de adquirir, muitas cidades brasileiras já contam com a circulação das *food bikes* nas ruas (MARTINS, 2015).

Figura 6: *Food Bike* em Recife



Fonte: GOMES, 2015

A venda de comida nas ruas é uma atividade que possui um perfil econômico importante e cada vez com mais visibilidade, ainda que não dimensionado ou quantificado pelos órgãos competentes. Mas a partir de uma observação direcionada aos grandes centros urbanos, como a cidade de São Paulo, por exemplo, é possível perceber que há um grande número de praticantes desse serviço, de variadas formas de venda e produtos comercializados, indicando que existe uma abrangente quantidade de consumidores para esse setor comercial (FONSECA, et al., 2013).

A quantidade de veículos que comercializam alimentos de forma itinerante tem sido cada vez maior, principalmente em cidades grandes onde a demanda por uma forma mais simples e rápida de realizar refeições no dia a dia é intensa. Além do tempo gasto para utilizar esse tipo de serviço ser menor, o valor também, normalmente, é mais em conta quando comparado a outros modelos de estabelecimento, tornando-o mais acessível a diferentes camadas da população. Assim, esses veículos seriam uma forma relevante de subsistência para os *pocket parks*, no sentido funcional e também de atrativo para o local.

2. ESPAÇOS LIVRES NO BRASIL E NA CIDADE DO RECIFE

2.1 Breve histórico dos espaços livres no Brasil

Durante a primeira fase da formação das cidades coloniais brasileiras é possível constatar uma predominância do modelo de praça religiosa. Esse referencial é proveniente da presença de diversas ordens religiosas na Colônia e expressa a importância dessas irmandades no processo de colonização do Brasil. A paisagem tradicional brasileira foi constituída do edifício religioso e da presença do adro, do largo, do terreiro ou da praça (CALDEIRA, 2007).

Ao longo do século XVIII, na formação de vilas e cidades, a praça brasileira foi gradativamente apresentando uma forma mais racional e geométrica. No decorrer do século XIX, os projetos de embelezamento que surgiram no espaço urbano fortaleceram cada vez mais o uso do modelo formal e regular para as praças (CALDEIRA, 2007).

As praças representavam locais importantes para a realização de atividades cotidianas na colônia, pois proporcionava espaços de caráter coletivo que serviam de ponto de encontro e de reunião para as pessoas. Algumas praças, particularmente, tornaram-se símbolos espaciais de referência na história das cidades brasileiras. Cidades como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, entre outras, elaboraram conjuntos urbanísticos que fazem parte do patrimônio histórico nacional (CALDEIRA, 2007).

O Rio de Janeiro foi a primeira cidade brasileira a utilizar os moldes urbanísticos presentes na Europa, no século XIX. Foram criados e construídos jardins e parques, públicos e privados, boulevards, passeios e largos (FERREIRA, 2005).

Segundo Macedo & Sakata (2003), na cidade do Rio de Janeiro são criados os três primeiros parques públicos, com as características morfológicas e funcionais que conhecemos hoje. São eles: o Passeio Público e o Campo Santana, estes situados junto ao núcleo histórico e centro tradicional da cidade, e o Jardim Botânico, junto à então distante Lagoa Rodrigo de Freitas. Em meados do século XX, são implantados os primeiros grandes parques projetados para o lazer público. Neste período, foram criados o Parque do Ibirapuera, em São Paulo, e o Parque do Flamengo, no Rio de Janeiro, exemplares de grande significado nas duas maiores cidades brasileiras (MACEDO & SAKATA, 2003 apud FERREIRA, 2005, p.25).

Durante o período de transformação dos projetos paisagísticos dos parques urbanos brasileiros, podem ser identificadas três grandes linhas projetuais: a Eclética, com inspiração nos manuais europeus e nas obras francesas do século XIX; a Moderna, que representa a ruptura com o referencial paisagista europeu e contempla influências americanas e nacionais;

e a Contemporânea, que apresenta releituras do modernismo, ecletismo e insere princípios ecológicos, após o ano de 1970 (FERREIRA, 2005).

O século XX corresponde ao período de construção da identidade da arquitetura paisagística brasileira. Ela sofreu grande influência, principalmente europeia, durante o século XIX e também nas quatro primeiras décadas do século XX. Roberto Burle Marx foi o mais conceituado arquiteto paisagista nacional e foi a partir dele que houve uma maior expressão da arquitetura paisagística brasileira (FERREIRA, 2005).

2.2 Espaços livres no Brasil

Os espaços livres públicos são a categoria de maior importância em relação aos espaços livres urbanos. Pode ser observado no país um grande envolvimento do poder público na execução desses tipos de espaço, com a intenção de proporcionar lazer, convívio social e conservação ambiental. Há também uma utilização significativa de boa parte dessas áreas, ao contrário de discurso existente sobre o esvaziamento dos espaços públicos (CUSTÓDIO, et al., 2011).

As cidades, de modo geral, são constituídas por espaços de integração urbana, como a rede rodo-ferroviária, espaços construídos, como as edificações voltadas aos setores de habitação, serviços e comércio e pelos espaços livres, que são as praças, parques, águas superficiais, dentre outros. Pressupõe-se que deve haver certa proporcionalidade entre os tipos de usos citados (CAVALHEIRO e DEL PICCHIA, 1992).

Uma pesquisa realizada com algumas cidades brasileiras apresenta as principais áreas de espaços livres que demonstram um potencial para a atuação da esfera pública geral. A potencialidade referente à região montanhosa foi encontrada nas cidades do Rio de Janeiro e de Palmas; as lagoas foram contempladas em Maceió, Campo Grande e no Rio de Janeiro; as matas, nas cidades de Palmas e Rio de Janeiro; orlas de rio ou mar em Belém, Maceió, Manaus, Recife, Vitória, Palmas, Rio de Janeiro; anéis de vegetação ao redor das cidades em Belo Horizonte, Belém e São Paulo, e áreas de conservação não consolidadas em Palmas (CUSTÓDIO, et al., 2011).

Também foi constatado na pesquisa que as zonas de proteção e conservação causam uma desproporcionalidade entre as suas áreas físicas delimitadas e o tecido urbano onde estão inseridas, evidenciando a escassez de espaços livres públicos totalmente qualificados para o uso direto. De modo geral, os principais problemas relacionados à demora da instalação desses espaços, as dificuldades técnicas, os programas desarticulados e contínuos, dentre

outros fatores, deve-se principalmente à ausência de uma visão que integre questões de natureza ambiental, funcional e cultural (CUSTÓDIO, et al., 2011).

A questão dos espaços livres públicos nas cidades brasileiras encontra mais adversidades nos bairros de baixa renda, onde a quantidade de construções próximas umas das outras é maior, muitas vezes não respeitando os limites necessários de afastamento. A grande concentração de pessoas nesses locais também exigiria uma demanda maior por áreas livres e de lazer para uso dos moradores, fato que pode ser visto principalmente nas grandes capitais.

A medição do índice de espaços livres por habitante é realizada tendo como referência o padrão adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em m² por pessoa. Os índices sofrem variações em função da metodologia que é utilizada para os cálculos. Dentro do conceito atribuído ao termo, podem ser computados nos índices das áreas analisadas, espaços públicos e privados, permeáveis ou não, unidades de preservação ambiental, verde de acompanhamento viário e também a arborização de ruas (BORTOLUZZI e HOCHHEIM, 2005).

Existe uma diversidade de definições quando se trata do conceito de áreas verdes, em especial quando o tema é tratado por especialistas de campos diferentes. Os termos área livre, área verde e até mesmo, área pública têm sido utilizados, muitas vezes, como sinônimos. Na prática, o que se percebe é que o conceito varia entre as cidades, adaptando-se às peculiaridades locais, o que não é desejável (BORTOLUZZI e HOCHHEIM, 2005, p. 601).

De forma geral, o índice de áreas verdes de uma cidade é definido pela quantidade de espaços livres de uso público, em km² ou m², dividido pela sua quantidade de habitantes. (TOLEDO e SANTOS, 2008). Os índices normalmente expressam um quantitativo geral dos espaços estudados, sem atribuir dados relativos às características físicas apresentadas por essas áreas, a condição de conservação das mesmas, se estão sendo utilizadas e também como se dá a distribuição destas dentro da cidade (DUARTE e FILHO, 2010).

O Brasil tem como referência do índice de áreas verdes por habitante o valor de 12 m², de acordo com a recomendação da ONU (LUCON, FILHO e SOBREIRA, 2013). A Sociedade Brasileira de Arborização Urbana (SBAU) adota o índice de áreas verdes públicas estabelecido na Carta de Londrina e Ibiporã, sendo de 15 m² por habitante, para o valor mínimo (MARQUES e BARROS, 2014).

Cavalheiro e Del Picchia (1992) fazem uma referência à tabela (tabela 1) sugerida pela Conferência Permanente dos Diretores de Parques e Jardins da República Federal da Alemanha. Nela é apresentada uma relação da disposição dos espaços livres na cidade, como

apoio para os estudos referentes à disponibilidade e qualidade das diferentes categorias desses espaços, para que também possa haver comparação entre locais distintos.

Tabela 1: Índices Urbanísticos para espaços livres

Categorias	m²/hab.	Área mínima	Distância da residência	Propriedade
Vizinhança				
Até 6 anos	0,75	150 m ²	Até 100 m	Público ou Particular
06-10 anos	0,75	450 m ²	Até 500 m	Público ou Particular
10-17 anos	0,75	5000 m ²	1000 m	Público
Parque de Bairro	6,0	10 ha	1000m ou 10 min.	Público
Parque Distrital ou Setorial	6,0/7,0	100ha	1200m ou 30min/veículo	Público
Parque Regional	s/ref.	200ha Área c/ água	Qualquer parte da cidade	Público
Cemitério	4,5	s/ref.	s/ref.	Público ou Particular
Área para Esporte	5,5	3-5 ha para cada 1500 hab.	Perto de escolas	Público ou Particular
Balneário	1,0 1/10	2 ha para cada 0,2 hab.	Perto de escolas	Público ou Particular
Horta Comunitária	12,0	300m ²	s/ref.	Público ou Particular
Verde viário	s/ref.	s/ref.	Junto ao sistema viário	Público

Fonte: JANTZEN,1973 apud CAVALHEIRO e DEL PICCHIA, 1992

2.3 Espaços livres em Recife

Recife foi, possivelmente, o primeiro núcleo urbano do continente a apresentar arborização nas ruas, no período correspondente à colonização holandesa no século XVII. O surgimento das áreas públicas na cidade se iniciou aproximadamente um século após a chegada dos portugueses ao estado de Pernambuco (CARNEIRO e MESQUITA, 2000).

O século XIX marca o reinício da arborização pública em Recife, com o investimento em praças e passeios públicos. Algumas praças foram construídas nesse período, como a Praça da República, a Praça Maciel Pinheiro e a Praça Visconde de Mauá. Houve uma maior atenção dada ao cultivo de espécies vegetais, também por parte da população, que começou a realizar atividades de plantio nas próprias residências, nos jardins e quintais, compensando em parte o descaso que havia com a cobertura vegetal em espaços públicos, anteriormente (CARNEIRO e MESQUITA, 2000).

Uma fase importante para a tradição de jardins na cidade foi no ano de 1935, em que o paisagista Burlle Marx chefiou a Diretoria de Parques e Jardins da antiga Repartição de Obras

Públicas de Pernambuco. As praças de Casa Forte, do Derby, do Entroncamento e os Jardins do Palácio das Princesas são obras importantes do paisagista, que demonstram a concepção paisagística empregada por Burle Marx, de respeito pelo meio ambiente e pela cultura local (CARNEIRO e MESQUITA, 2000).

Carneiro e Mesquita (2000) comentam que a falta de prioridade política para a manutenção dos espaços livres na cidade e a inexistência de uma prática efetiva do tratamento da paisagem urbana integrada com o sistema de espaços livres são questões destacadas na problemática encontrada em Recife, em relação a esse tema. Segundo as autoras, “Relacionar os espaços livres com os espaços edificados é essencial para o reencontro de equilíbrios perdidos e a harmonia ambiental, principalmente, em territórios notadamente urbanizados ou, em parte, desordenados”.

A paisagem do Recife é caracterizada pela presença abundante de água, como rios e canais; de manguezal e resquícios de Mata Atlântica, praças históricas e dos importantes jardins projetados por Burle Marx. Tais elementos encontram-se em uma situação de risco de extinção e descaracterização devido à priorização das construções verticais que não se adequam à escala, proporção e harmonia com esses espaços livres públicos existentes. Essas edificações formam barreiras que impedem a continuidade da paisagem e prejudicam a ventilação da área onde estão estabelecidas (CARNEIRO, 2004).

Os espaços livres em Recife são classificados segundo seu regime jurídico e são incluídos como espaços de domínio público, sendo nacional, estadual e municipal e de domínio privado. De acordo com a função que essas áreas exercem, podem ser identificados como de equilíbrio ambiental, o que inclui algumas unidades de conservação, como matas, corpos d’água, mangues e restingas; espaços livres de recreação, como parques, praças e faixa de praia e espaços livres de circulação, que são as ruas, viadutos, estacionamentos, entre outros (CARNEIRO e MESQUITA, 2000).

A diversificada tipologia de espaços públicos encontrados na cidade, como as unidades de conservação, os parques, praças, jardins, é somada a uma grande quantidade de espaços potenciais. Esses espaços, que são formados pelos campos de pelada, recantos de iniciativa da população e margens de rios e canais, garantem o exercício de atividades recreativas e o usufruto de áreas verdes privadas amenizadoras, denominadas de espaço de valor paisagístico-ambiental (CARNEIRO, 2004).

De acordo com o levantamento realizado no período entre 1998 e 1999 pela pesquisa dos espaços livres em Recife, foram identificados 629 espaços livres na cidade, distribuídos

nas 6 Regiões político-administrativas (RPA's), sendo 318 espaços livres públicos e 311 espaços livres potenciais (tabela 2) (CARNEIRO e MESQUITA, 2000).

Tabela 2: Distribuição dos espaços livres por RPA

Tabela 5		Espaços livres do Recife					
RPA	Públicos		Potenciais		Total		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
1	54	16,98	22	7,07	76	12,08	
2	26	8,18	33	10,61	59	9,38	
3	53	16,67	39	12,54	92	14,63	
4	52	16,35	71	22,83	123	19,55	
5	54	16,98	56	18,01	110	17,49	
6	79	24,84	90	28,94	169	26,87	
Total	318	100,00	311	100,00	629	100,00	

Fonte: CARNEIRO e MESQUITA, 2000

Os espaços potenciais quantificam quase 50% dos 629 espaços livres existentes na malha urbana. Esse dado indica uma carência de ambientes destinados à recreação, como parques, praças, pátios, jardins, quadras polivalentes e mostra também que há uma necessidade de incorporar esses espaços potenciais ao conjunto de espaços públicos, que possuem grande importância para a população e, principalmente, nos bairros de baixa renda (CARNEIRO, 2004).

Por meio da referida pesquisa foi constatado que a RPA 2 é a que apresenta o menor número de espaços livres públicos (8,18% do total) e corresponde a segunda RPA com menos espaços potenciais, com 9,38% do total (ver tabela 2) (CARNEIRO e MESQUITA, 2000). A RPA 2 é composta pelos bairros do Arruda, Campina do Barreto, Encruzilhada, Hipódromo, Peixinhos, Ponto de Parada, Rosarinho, Torreão, Água Fria, Alto Santa Terezinha, Bomba do Hemetério, Cajueiro, Fundão, Porto da Madeira, Beberibe, Dois Unidos e Linha do Tiro (PREFEITURA DO RECIFE, 2016).

Os bairros pertencentes à RPA 2 são, grande parte, residenciais e há uma necessidade maior, para essa parte da população, de espaços livres públicos como praças e parques, por comportarem um número maior de pessoas e serem mais adequados a possibilitar um espaço de longa permanência para os usuários.

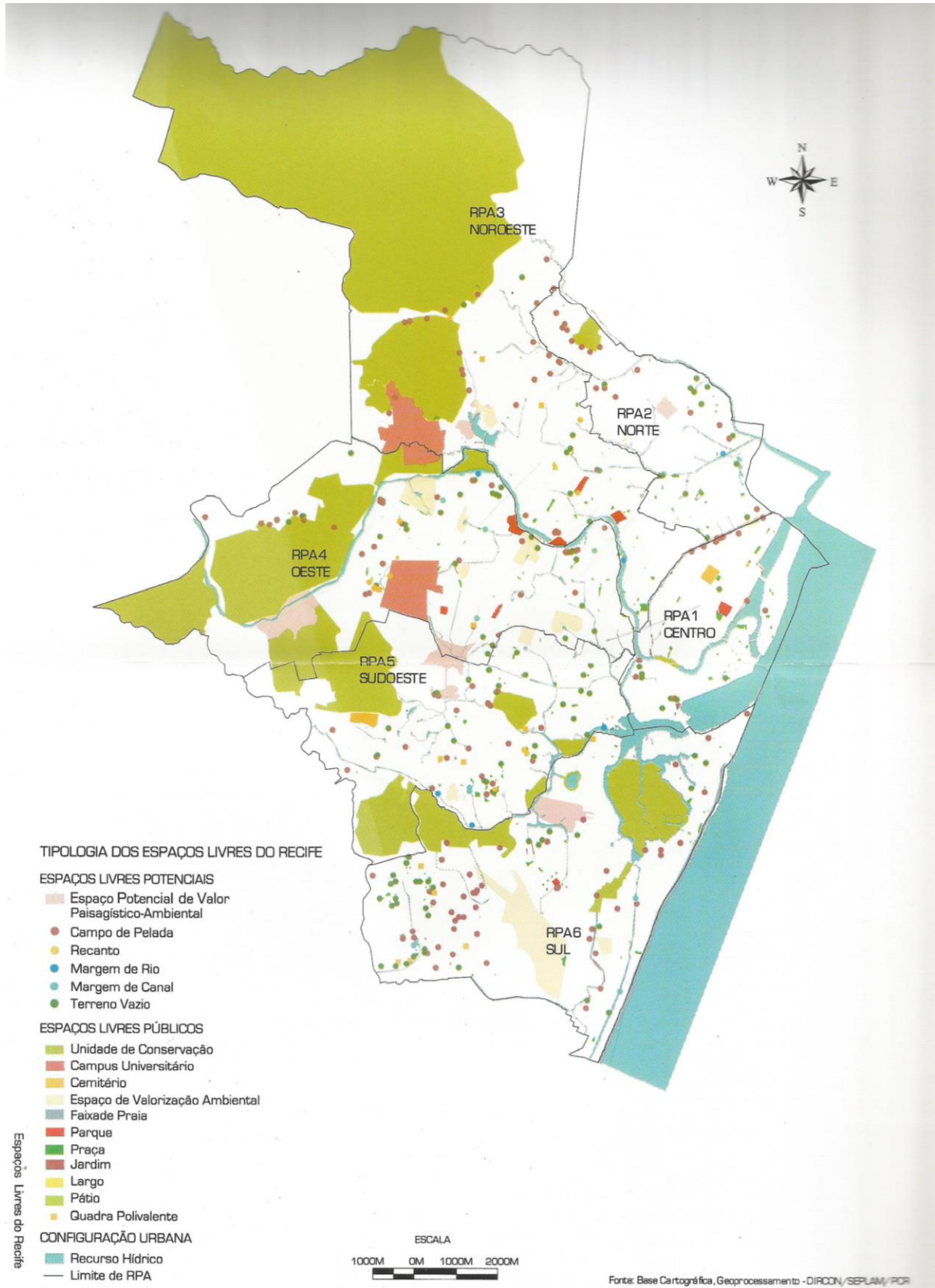
Dessa forma, a instalação de *pocket parks* na área, apesar de ser possível, não seria suficiente para auxiliar no atendimento das necessidades dos frequentadores da região, por serem ambientes normalmente de tamanho reduzido e com a finalidade de receberem,

principalmente, trabalhadores e visitantes de um entorno próximo ao local onde seriam implantados.

Carneiro e Mesquita (2000) fizeram um mapeamento georreferenciado dos espaços livres da cidade do Recife, categorizando os mesmos em espaços livres potenciais e espaços livres públicos, indicando diferentes tipologias para cada um desses dois grupos. No mapa representado pela figura 7 é possível observar que as manchas e pontos demarcados concentram-se em maior quantidade à medida que se aproximam do centro da cidade. Há também um grande número de parques nas proximidades do Rio Capibaribe, que se apresenta como uma linha de força da paisagem e um verdadeiro cordão verde (CARNEIRO e MESQUITA, 2000).

O mapa permite uma observação da cidade como um todo, estando as RPA's também delimitadas, proporcionando uma visão geral de onde os espaços livres e espaços potenciais identificados se concentram em maior ou menor número na região. Por meio dele é possível observar a distribuição dessas áreas de forma mais acessível e notar a quantidade de pontos que ainda existem para possibilidade de exploração.

Figura 7: Mapeamento dos espaços livres do Recife



Fonte: CARNEIRO e MESQUITA, 2000

3. ESTUDOS DE CASO DE *POCKET PARKS*

O uso do *pocket park* no Brasil ainda não foi consolidado como uma alternativa comum de espaço livre público, apesar de já existir incentivo para a produção desse tipo de equipamento urbano em algumas cidades do país. Por meio dos estudos de caso abordados sobre os diferentes contextos que podem ser inseridos esse equipamento urbano, uma visão mais abrangente pode ser proporcionada às pessoas quando à estrutura física dos *pocket parks* e sua funcionalidade nos centros urbanos.

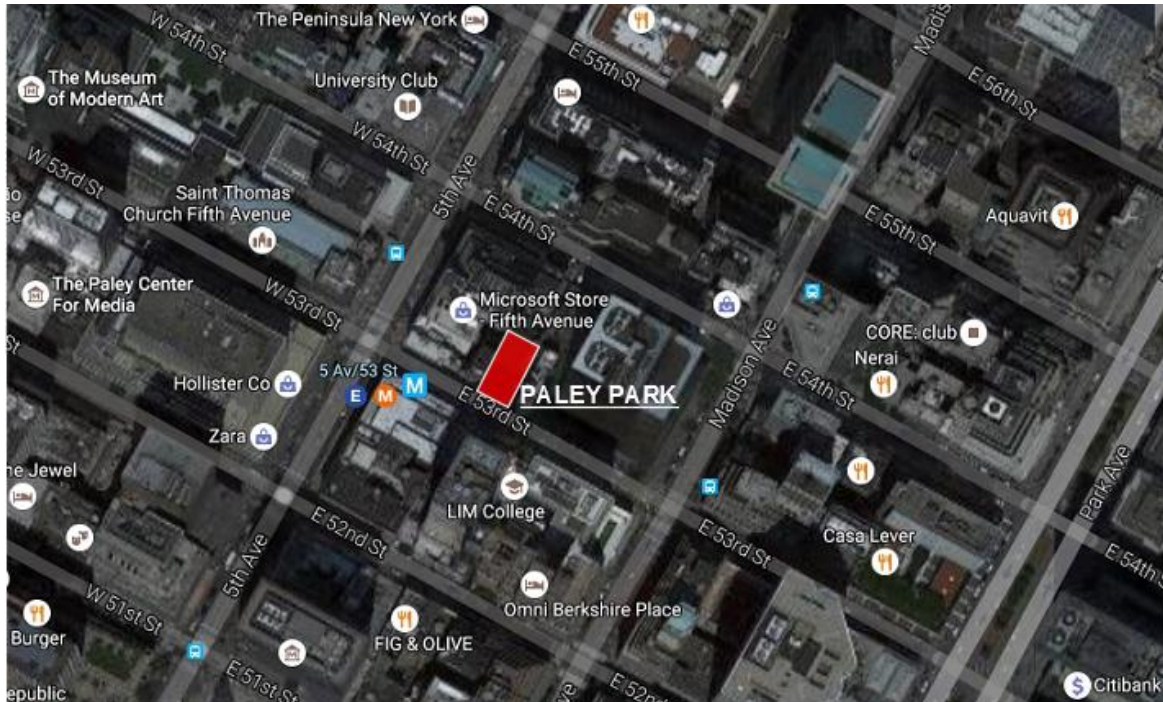
Os *pocket parks* são mais conhecidos e encontrados em outros países, porém existem exemplares brasileiros que podem ser apresentados. Para o presente estudo, foram selecionados alguns projetos existentes no Brasil e nos Estados Unidos, por serem conhecidos e referenciados dentre as pesquisas sobre *pocket park* e apresentarem características interessantes a serem mostradas.

3.1 Paley Park, Nova York

O Paley Park foi construído por meio de uma iniciativa privada, assim como também é feita a sua manutenção, mas o seu uso é gratuito e destinado ao público. O espaço é um dos mais utilizados da cidade, desde a sua inauguração, e isso se deve também ao fato da sua localização ser privilegiada. O parque fica no centro de Manhattan, na Rua East 53rd (figura 8), entre a Avenida Madison e a Quinta, onde há uma grande concentração de lojas, sede de empresas e museus, como o *Museum of Modern Art* (MoMA) (PAGNONCELLI, 2012).

O *pocket park* ocupa um terreno de 12,8 m por 30,5 m (390,4 m²), onde antes existia um clube noturno. Orientado a sudoeste, ideal para receber sol, o projeto utiliza desse artifício para criar um microclima agradável. Suas árvores possuem folhas caducas, características da cidade de Nova York, podendo oferecer sombra no verão e sol no inverno. Seu impacto mostra-se tão forte e positivo, à sua maneira, do mesmo modo que o Central Park (TATE, 2015, BOECHAT, 2015 e LOURENÇO, 2012).

Figura 8: Localização do Paley Park



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

O *pocket park* foi inaugurado em 1967, planejado pelo escritório Zion & Breen Associates e financiado por William Paley, que investiu em uma propriedade particular para o uso público (PAGNONCELLI, 2012 e BOECHAT, 2015). Paley Park foi concluído em 1967 e totalmente reconstruído, mas com o mesmo design, para o mesmo projeto em 1999. A renovação, em 1999, incluiu a substituição das bombas da cascata, do sistema de irrigação subterrânea, de todo o solo e plantio, manutenção, limpeza e reinstalação dos materiais mais complexos e substituição de todo o mobiliário local (TATE, 2015).

O parque é elevado do nível da rua, possui uma única entrada e o seu acesso se dá por meio de uma escadaria e rampas, como pode ser visto na figura 9. Da rua, as árvores podem ser visualizadas, estendendo-se até o centro do ambiente, paisagem distinta da comumente encontrada na região onde o Paley Park está localizado (figura 10). As árvores possuem um acúmulo de folhagens em seus topos, causando uma transição do espaço público para o *pocket park* e as paredes laterais, com 5 metros de altura, são forradas por trepadeiras (PAGNONCELLI, 2012).

Figura 9: Entrada do Paley Park



Fonte: FLICKR, 2011

Figura 10: Entorno do Paley Park



Fonte: FLICKR, 2011

O mobiliário do espaço, mostrado na figura 11, é composto por cadeiras Bertioia brancas, com estrutura de aço moldado, possibilitando uma fácil locomoção das mesmas pelos usuários. Para acompanhar as cadeiras, existem pequenas mesas Saarinen que também podem

ser facilmente transportadas. Ao fundo, a cascata ocupa toda a extensão longitudinal da parede e deságua em um espelho de água que atenua os ruídos externos e torna a área bastante confortável (MALUF, 2014).

Figura 11: Mobiliário e cascata do Paley Park



Fonte: VALE, 2016

O Paley Park funciona como um verdadeiro oásis para Nova York, com caráter de sala de estar para seus usuários, como demonstra a figura 12, proporcionando um refúgio da agitação encontrada na cidade. Na parte da frente do parque, encostados as paredes laterais, existem quiosques com venda de alimentos, como cachorro quente, que foi escolhido pelo próprio William Paley, café, entre outros. No projeto existe uma proposta de cantos arredondados, para que haja uma sensação de ausência de planos finitos (PAGNONCELLI, 2012).

Apesar da proximidade com o Central Park, um conhecido espaço público de Nova York, de grandes proporções, o Paley Park mostra-se um local bastante frequentado. Mesmo após quase 50 anos da sua inauguração, o espaço continua atraindo visitantes como os próprios moradores locais, as pessoas que trabalham nas proximidades e turistas (MALUF, 2014).

Figura 12: Interior do Paley Park



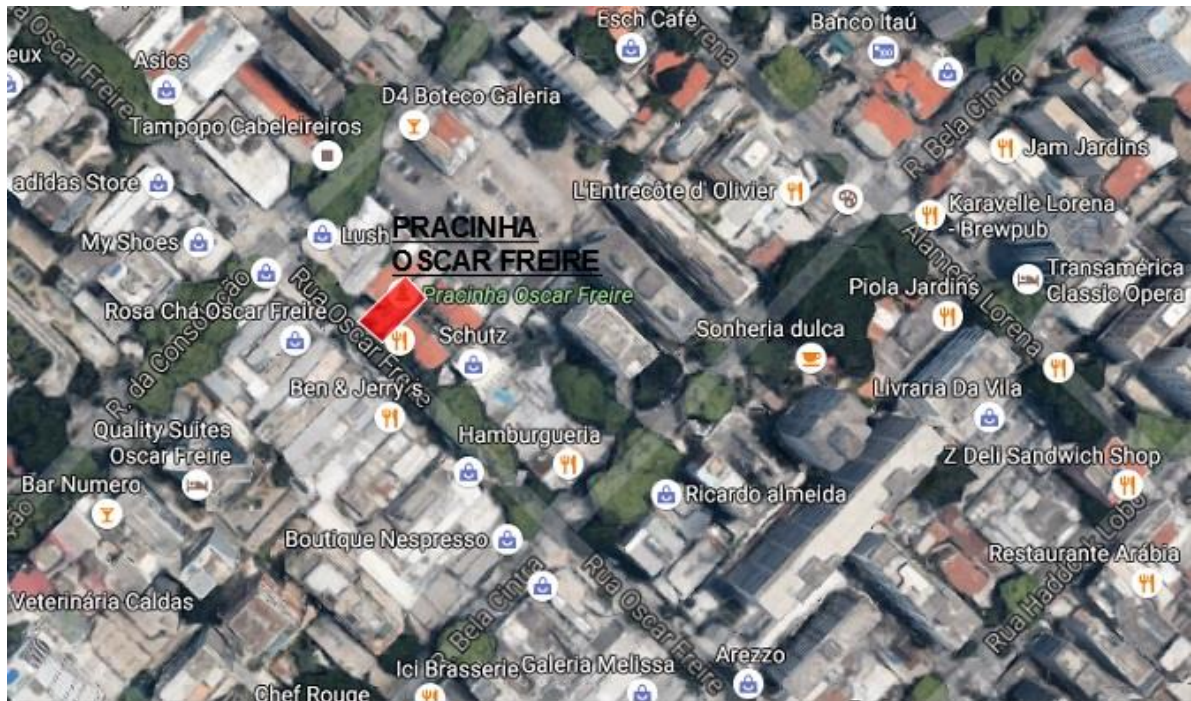
Fonte: OH HOW CIVILIZED, 2012

Por ser a primeira referência dentro do conceito de *pocket park*, o Paley Park representa um considerável estudo de caso, pois o mesmo retrata integralmente o conceito desse equipamento público urbano, em relação à sua localização, mobiliário, elemento com água, subsistência e vegetação. Dentro do histórico do *pocket park*, o Paley Park possui um valor significativo, sendo referência de vários outros estudos sobre o tema e para projetos de *pocket parks*.

3.2 Pracinha Oscar Freire, São Paulo

A Pracinha Oscar Freire foi inaugurada em maio de 2014, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida no bairro por meio de novas relações com os espaços abertos ao público. A localização do espaço, indicada na figura 13, fica em meio a um dos mais importantes pontos econômicos da cidade. A pracinha tem a proposta de transformar espaços públicos ou privados em lugares mais humanos, alterando o seu uso e sua função (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

Figura 13: Localização da Pracinha Oscar Freire



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

Localizado na Oscar Freire, em São Paulo, o *pocket park* foi instalado pela Reüd, empresa de desenvolvimento imobiliário, e pelo Instituto Mobilidade Verde, que tem o objetivo de discutir amplamente a construção de cidades mais humanas e sustentáveis. O projeto foi realizado pelo escritório Zoom Arquitetura, com a proposta de ser um espaço público temporário, utilizado para descanso e lazer e a previsão é de que o mesmo seja implantado em outro local, posteriormente (AMORIM, 2014).

O projeto fica localizado entre duas lojas, como mostra a figura 14, e ocupa um local onde antes era uma rampa de estacionamento. O espaço possui 300 m², dividido em dois patamares, facilitando o acesso a cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida. Os degraus são usados como bancos, como pode ser visto na figura 15. Na área são realizados eventos, workshops e também podem ser encontrados *food trucks*. A praça conta com dois painéis de plantas, uma parede de arte contemporânea e uma parede de lousa de 19 metros. Na frente do lugar, a rampa de acesso foi pintada (figura 16) de forma a avisar aos motoristas que há circulação de pessoas no ambiente (AMORIM, 2014).

Figura 14: Localização da Pracinha entre as lojas



Fonte: INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014

Figura 15: Interior da Pracinha



Fonte: INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014

Figura 16: Área da rampa com piso pintado



Fonte: PINTEREST, 2016

O *pocket park* conta com uma lousa interativa onde a agenda de programação prevista para o local é exposta. A proposta de escadas “banco” transforma todos os pontos de acesso em bancos para os usuários. A utilização da madeira também torna o espaço mais convidativo e orgânico (INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014).

No local existe a disponibilização de rede sem fio ou *Wireless Fidelity (wifi)* gratuita para os visitantes (figura 17), o que de certa forma também acaba sendo um atrativo para o ambiente. O painel interativo da artista Candy Chang, onde as pessoas podem escrever com giz colorido é um dos detalhes que mais chamam atenção do público (figura 18) (MALUF, 2014).

Figura 17: Indicação de *wifi*



Fonte: Arquivos fotográficos de Cavalcanti, abril de 2016

Figuras 18: Painel interativo



Fonte: INSTITUTO MOBILIDADE VERDE, 2014

O *pocket park* da Oscar Freire obteve um grande reconhecimento e divulgação também em outros estudos relacionados a *pocket parks* no Brasil. Por ser um projeto de revitalização focado na acessibilidade e em proporcionar mais espaços livres públicos na cidade, a Pracinha Oscar Freire demonstra conceitos importantes a serem apresentados. Diferentemente da Praça da Amauri, o primeiro *pocket park* da cidade de São Paulo, a Pracinha Oscar Freire exibe uma aplicação adaptada, mas também eficiente da definição de *pocket park*.

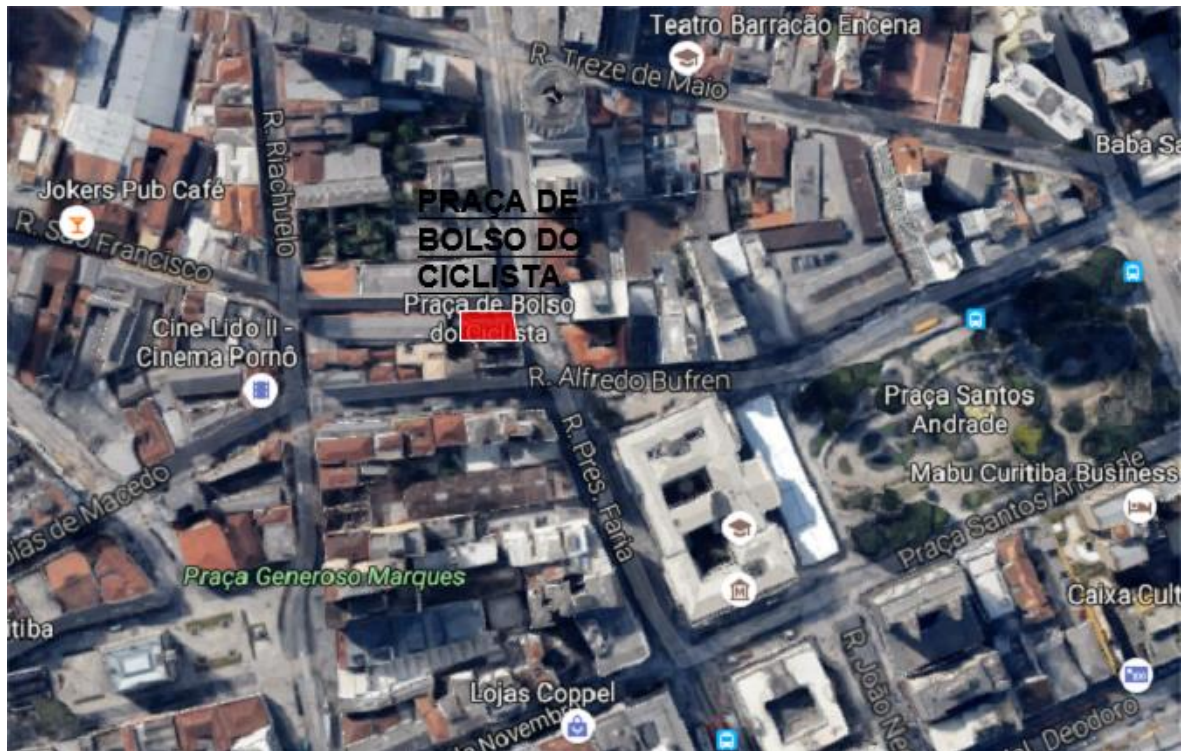
Há o emprego de um tipo diferenciado de mobiliário (bancos fixos, mesas e cadeiras móveis de apoio ao *food truck* e as escadas “banco”), venda de alimentos, com uma proposta atual e interessante do sistema de *food truck*, atividades proporcionadas para o público dentro do espaço e também a vegetação apresentada em formatos distintos. No local não foi utilizado elemento com queda de água.

3.3 Praça de bolso do ciclista, Curitiba

A Praça de bolso do ciclista é situada na região central de Curitiba. O espaço foi inaugurado em setembro de 2014 e possui uma área de 127 m². É localizado no marco zero da Rua São Francisco, esquina com a Rua Presidente Faria, como mostra a figura 19. No entorno existem estabelecimentos comerciais, prédios residenciais, uma escola e intensa circulação de pedestres, ônibus e carros, principalmente durante a semana (SANTANA, 2016). A praça corresponde a uma adaptação de *pocket park* que, como em outros locais, as características

para o projeto dependeram da intenção e das necessidades que havia para o local de implantação.

Figura 19: Localização da Praça de bolso do ciclista



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

A praça de bolso do ciclista foi idealizada por um grupo de cicloativistas, grande parte integrantes do CicloIguaçu, a Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu. Representantes do poder público também foram parceiros no processo de construção do espaço. O terreno onde a praça foi instalada era uma área pública cedida de um prédio em construção para um projeto que acabou não sendo realizado, por isso o local estava desocupado. Os cicloativistas fizeram uma solicitação do terreno para a prefeitura, que foi aceita, e a partir disso, a Prefeitura municipal de Curitiba (PMC) ficou responsável por conduzir o processo (SANTANA, 2016).

A proposta inicial era de que a praça fosse construída pela Prefeitura e entregue à população em fevereiro de 2014. Devido aos processos licitatórios públicos e acontecimentos específicos que houve na cidade no período em que a construção da praça estava sendo discutida, como a realização da Copa do Mundo da Federação Internacional de Futebol, ou *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), a concretização do projeto não foi possível para a data estabelecida e o mesmo precisou atravessar gestões municipais. Posteriormente surgiu a ideia de que a praça fosse construída pela própria população, em

regime de mutirão, o que foi aprovado e passado a ser desenvolvido dessa forma, durante os fins de semana (SANTANA, 2016).

Foi estabelecida uma parceria entre a administração pública e a comunidade. O poder público ficaria encarregado de ceder o terreno, os equipamentos e mão de obra especializada para os serviços iniciais e, posteriormente, a comunidade daria continuidade à construção coletiva da praça. O próprio CicloIguaçu já contava com participantes arquitetos e engenheiros que atuavam na área e puderam dar um apoio significativo ao projeto (SANTANA, 2016).

O terreno da praça de bolso do ciclista fica em frente à Bicletaria Cultural, tradicional ponto de encontro dos ciclistas da cidade e um empreendimento de apoio ao ciclista urbano em suas necessidades e que fornece serviços e informações. O local foi completamente recuperado em cinco meses de obra, graças também aos trabalhos voluntários realizados nos fins de semana. Foi realizada terraplanagem, construção de muros, bancos e a praça ainda recebeu sete paraciclos (BERTOLINI, 2014).

O *pocket park* é composto por dois bancos de madeira, uma mureta de pedra central, um banco de superadobe envolto por mosaicos, um pequeno palco redondo de pedras, um muro histórico, atualmente composto também de uma arte em mosaico e uma tela ao ar livre (área pintada de branco no alto da parede do prédio contíguo à praça, que permite projeções multimídias), como mostra a figura 20 (SANTANA, 2016). Durante o 3º Fórum Mundial da Bicicleta, em fevereiro de 2014, a artista suíça Mona Caron deixou sua arte em um mural na praça (BERTOLINI, 2014).

Figura 20: Composição da Praça de bolso do ciclista



Fonte: ONE CURITIBA, 2016 (adaptação autoral) e SANTANA, 2016

Durante a construção da praça, além da área de convivência e do espaço para horta e jardinagem, foram previstas atividades educativas e culturais, como pode ser visto na figura 21 (BRUGNOLO, 2014). Atualmente existe uma feira de orgânicos, mostrada na figura 22, que acontece todas as quintas-feiras no local e, periodicamente, exibição de documentários, mini shows e apresentações (figura 23). A praça reúne grande quantidade de pessoas no período noturno, principalmente nos finais de semana, com público de diferentes idades, dependendo da atividade realizada no ambiente e no período que acontecem (SANTANA, 2016).

Figura 21: Realização de atividades na Praça de bolso do ciclista



Fonte: MARTINS, 2016

Figura 22: Feira de orgânicos



Fonte: MENDES, 2016

Figura 23: Apresentação na praça de bolso do ciclista



Fonte: AZAMBUJA, 2016

A praça de bolso do ciclista retrata uma iniciativa interessante da comunidade em colaborar para a realização de um espaço público, por meio da parceria com a Prefeitura, o que causa um incentivo maior por parte da população para cuidar do espaço. O local fica em uma esquina e não no meio de uma quadra, como na maioria dos casos. Alternativas mais simples de materiais foram empregadas, em função da forma de construção ser baseada no princípio de mutirão, mas uma finalidade importante relacionada ao *pocket park* foi atendida: a de proporcionar um ambiente de convivência agradável para às pessoas.

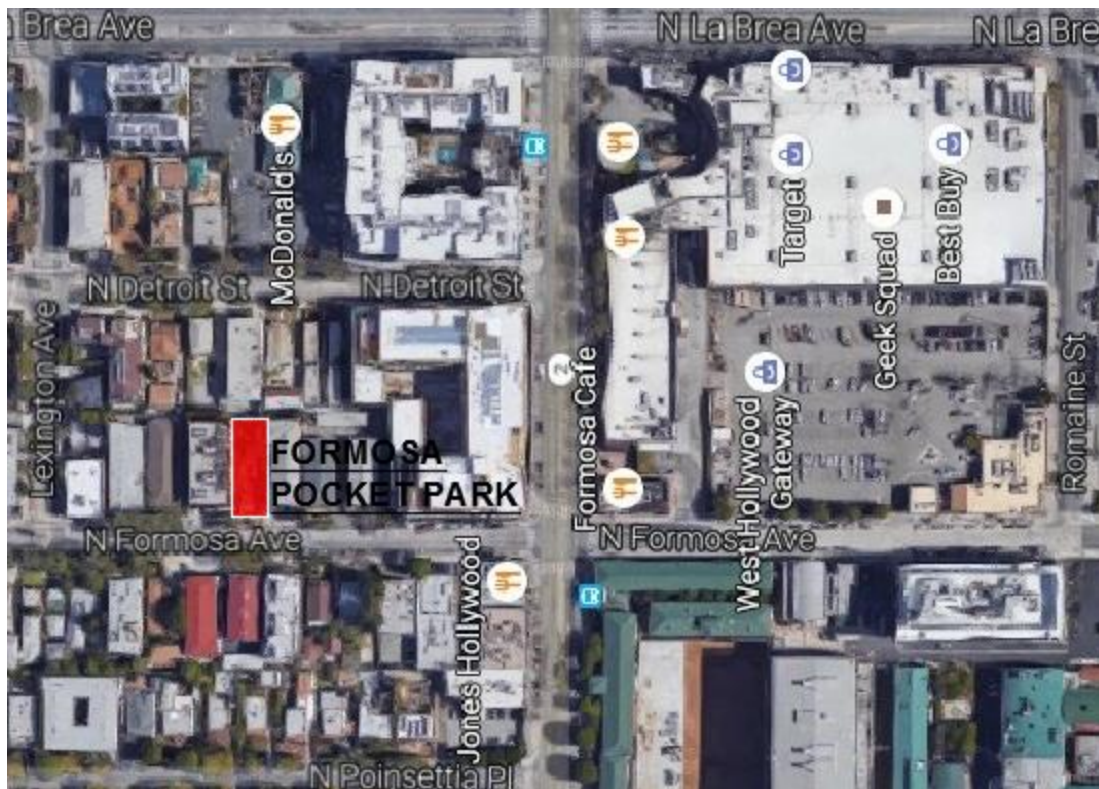
No espaço não é encontrado elemento com queda de água e a vegetação ainda é bem discreta. A venda de alimentos do local acontece, normalmente, além da feira de orgânicos semanal, nos eventos e workshops que são realizados. O mobiliário é fixo e há pavimentação na maior parte da área do *pocket park*. Como o lugar é voltado sobretudo aos ciclistas, a proposta do ambiente, em relação à área de convivência, é relacionada à praticidade, que pode ser representada pela mureta que serve de acento, como pode ser visualizado na figura 18, e o banco de superadobe.

3.4 Formosa *Pocket Park*, West Hollywood

O *pocket park* localizado na Formosa Avenue (Avenida Formosa), como mostra a figura 24, na cidade de West Hollywood, Califórnia, foi projetado por Katherine Spitz Associates e finalizado no ano de 2009. O espaço foi construído no lado sul de um edifício de quatro pavimentos, em cima de um estacionamento subterrâneo. Ele fica no nível da rua, entre duas edificações e possui em torno de 1400 m² (WEHO NEWS, 2009).

O objetivo do projeto foi atender ao código de construção local, que estava estimulando a instalação de áreas verdes na cidade e oferecer uma opção de espaço público, onde as pessoas pudessem se refugiar da agitação das ruas e realizar atividades de lazer e recreação (AUGUSTIN, 2016).

Figura 24: Localização do Formosa *Pocket Park*



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

A ideia para o parque foi criar formas inspiradas na natureza e trazer um pouco de conceitos ecológicos para o local. Assim, o mobiliário desenvolvido imita formas de folhas e elementos naturais, sendo confeccionados em madeira e materiais similares. Os caminhos projetados são de caráter mais orgânico, com presença de vegetação ao longo dos mesmos,

que refletem as cores do outono e são tolerantes à seca, como mostram as figuras 25 e 26 (AUGUSTIN, 2016).

Figura 25: Formosa *Pocket Park* – vista superior



Fonte: DESIGNING LIVABLE COMMUNITIES, 2013

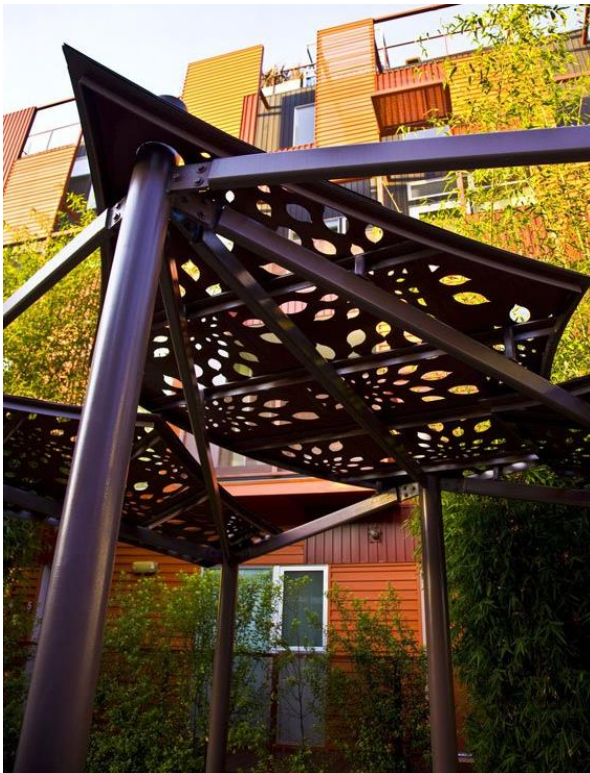
Figura 26: Desenho dos caminhos inspirado em formas da natureza



Fonte: KSA DESIGN STUDIO, 2015

O desenho das áreas de plantio imitam folhas caídas, na cor e no formato. O sombreamento interno, construído a partir de painéis irregulares em aço (figura 27), possui recortes de folhas, projetando no piso formas que alternam entre cheios e vazios. Parte do piso é composto por areia e, outra parcela, por concreto. No parque, os floreiros são produzidos em concreto ou diretamente no piso (AUGUSTIN, 2016).

Figura 27: Painéis vazados para sombreamento



Fonte: WORLD LANDSCAPE ARCHITECT, 2016

O pórtico de entrada anuncia a presença do parque e chama a atenção das pessoas que passam na rua. Ele é revestido por painéis de policarbonato, sendo suavemente iluminado à noite, o que pode ser visualizado na figura 28. Os portões de acesso são fechados no período noturno, para garantir mais segurança ao local. O parque visa melhorar a qualidade de vida das pessoas, principalmente dos moradores do condomínio vizinho (AUGUSTIN, 2016).

Figura 28: Pórtico de entrada



Fonte: KSA DESIGN STUDIO, 2015

O Formosa *Pocket Park*, diferentemente dos outros casos abordados, possui uma vizinhança bastante residencial, apesar da proximidade com alguns estabelecimentos comerciais. Não foi encontrada informação relativa à venda de alimentos no espaço e também não há a utilização de elemento com água. Houve a valorização de um item que não está presente dentre as principais características de um *pocket park*, que é o caminho para percurso no local, o que foi relevante para a escolha desse estudo de caso.

O fato do Formosa *Pocket Park* adotar uma temática para a elaboração do espaço, realizando um detalhado trabalho das formas para os elementos que foram colocados no local, também foi algo interessante a ser apresentado, por consistir em uma proposta diferente do que é normalmente visto em outros *pocket parks*.

A partir de um estudo comparativo entre os quatro *pocket parks* apresentados, com relação à composição dos mesmos quanto às características principais que são encontradas no conceito de *pocket park*, foi elaborada uma tabela para a obtenção de uma visão geral das diferenças existentes em cada um desses estudos de caso (tabela 3).

Tabela 3: Características gerais de um *pocket park*

CARACTERÍSTICAS GERAIS DE UM POCKET PARK					
	Elemento com queda de água	Venda de alimentos	Mobiliário passível de transporte	Vegetação	Localização acessível
PALEY PARK					
PRACINHA OSCAR FREIRE					
PRAÇA DE BOLSO DO CICLISTA					
FORMOSA POCKET PARK					

Fonte: AUTORAL, 2016

Algumas características são determinantes para a execução de um *pocket park*, como a existência de mobiliário no espaço da área de convívio, vegetação com a intenção de proteger o lugar e tornar o ambiente mais agradável, e a localização de fácil acesso aos pedestres. Por meio da tabela é possível perceber de forma objetiva que existem variações entre os *pocket parks* e isso não altera o fato de todos fazerem parte dessa categoria de espaço livre público.

As fotos apresentadas referentes aos espaços dos *pocket parks* e suas composições físicas mostram que é possível a criação de um local que atenda aos objetivos desse tipo de equipamento público urbano, mesmo realizando algumas adaptações que se encaixem no contexto encontrado no ambiente onde será instalado o *pocket park*.

4. ESTUDO DE VIABILIDADE EM RECIFE

A partir dos conceitos estudados sobre *pocket park* e suas características principais quanto a locais de implantação, vizinhança e ponto de acesso aos visitantes, alguns bairros da cidade do Recife foram analisados quanto as suas possibilidades de receber um *pocket park*, de forma a atender as condições necessárias para a instalação do mesmo. Para o estudo de viabilidade foi escolhido o bairro de Boa Viagem, pertencente à RPA 6. De acordo com o Censo demográfico de 2010, Boa Viagem possui uma população de 122.922 habitantes, sendo o bairro mais populoso da cidade do Recife (GASPAR, 2016).

A RPA 6 é composta pelos bairros de Boa Viagem, Brasília Teimosa, Imbiribeira, Ipsep, Pina, Ibura, Jordão e Cohab (PREFEITURA DO RECIFE, 2016). Os bairros possuem características distintas entre si. A RPA 6 possui uma grande extensão em área, sendo também a única RPA do Recife com faixa de praia, como pode ser visto na tabela 4, e apresenta a maior quantidade de praças da cidade. Por outro lado, é também na RPA 6 onde se encontra o maior número de praças abandonadas (CARNEIRO e MESQUITA, 2000).

Tabela 4: Tipologia dos espaços livres públicos por RPA

Tipo	RPA						Total	
	1 Nº	2 Nº	3 Nº	4 Nº	5 Nº	6 Nº	Nº	%
Faixa de praia	0	0	0	0	0	1	1	0,31
Parque	1	0	3	3	0	1	8	2,52
Praça	32	21	33	33	39	61	219	68,87
Jardim	8	2	5	3	1	5	24	7,55
Largo	1	2	2	0	1	0	6	1,89
Pátio	8	0	1	1	0	0	10	3,14
Quadra polivalente	1	0	2	2	2	6	13	4,09
Cemitério	2	0	1	1	2	0	6	1,89
Campus universitário	0	0	1	1	0	0	2	0,63
Espaço de valorização ambiental	0	0	2	4	2	2	10	3,14
Unidade de conservação	1	1	3	4	6	4	19	5,97
Total	54	26	53	52	53	80	318	100,00

Fonte: CARNEIRO e MESQUITA, 2000

Barros (1999), em uma matéria realizada sobre o assunto de espaços livres em Recife, cita uma colocação de Ana Rita Sá Carneiro sobre o local em questão: “Apesar de possuir o maior número de áreas livres da cidade, a Zona Sul é carente de espaços urbanizados para recreação e utilização pública. A orla de Boa Viagem ainda é o principal trecho de lazer da região”.

No processo de ocupação do bairro de Boa Viagem, que resultou em um grande adensamento e verticalização, o maior número possível de apropriação de uso privado predomina sobre o espaço público, sendo este, desvalorizado. Uma expressiva produção imobiliária, favorecida pela legislação urbanística e com o apoio do poder público, levou a um aumento da demanda na procura de imóveis para fins residenciais, comerciais e empresariais em Boa Viagem. O grande potencial para a instalação desses empreendimentos na área impulsionou o ramo da construção civil a investir cada vez mais no local (SILVEIRA JÚNIOR, 2016).

O período de intensa ocupação de Boa Viagem ocorre, portanto a partir da segunda metade do século XX aos dias atuais. Neste período o bairro é marcado por profundas transformações na paisagem urbana, através da consolidação de seu adensamento, impulsionado por legislações que favoreceram a sua verticalização. A iniciativa privada, gradativamente, lançou no mercado imobiliário local, empreendimentos ousados em termos de tecnologia, luxo e conforto, para um mercado de classe social abastada, cada vez mais exigente (SILVEIRA JÚNIOR, 2016, p. 73).

As modificações da configuração espacial, que foram se desenvolvendo lentamente desde os anos 1970, estabeleceram-se e se conservam até os dias de hoje: a verticalização e o adensamento, distribuídos por todo o bairro. Esses fatores do crescimento urbano resultaram em uma saturação da infraestrutura urbana que não acompanhou a demanda de ocupação das quadras (SILVEIRA JÚNIOR, 2016).

Por esse motivo, o espaço público está se tornando inutilizado e sendo substituído por novas áreas exploradas pela iniciativa privada, como os shoppings e condomínios residenciais, comerciais e empresariais, que são geralmente utilizados pela camada da população que possui maior poder aquisitivo (SILVEIRA JÚNIOR, 2016).

O alto valor do metro quadrado no bairro viabiliza a utilização de alternativas para a implantação de *pocket parks*, como por meio de parcerias público-privadas, incentivos para empresas que implementem esse equipamento ou através das compensações requeridas pela Prefeitura para aprovação de empreendimentos de impacto. Para isso é necessário que exista uma consciência do conceito e dos benefícios proporcionados por esse tipo de equipamento público.

De acordo com o conteúdo apresentado sobre o adensamento populacional no bairro, a especulação imobiliária e a falta de prioridade quanto ao tratamento dos espaços públicos, se faz mais necessário o investimento em áreas dessa categoria para o local. Ambientes como *pocket parks* dariam um suporte para a população, principalmente para as pessoas que moram ou trabalham mais distantes da Av. Boa Viagem. Elas teriam a opção de um local com um propósito diferente, porém mais acessível do que a orla em alguns aspectos, como a localização, destinada a atender a um entorno próximo.

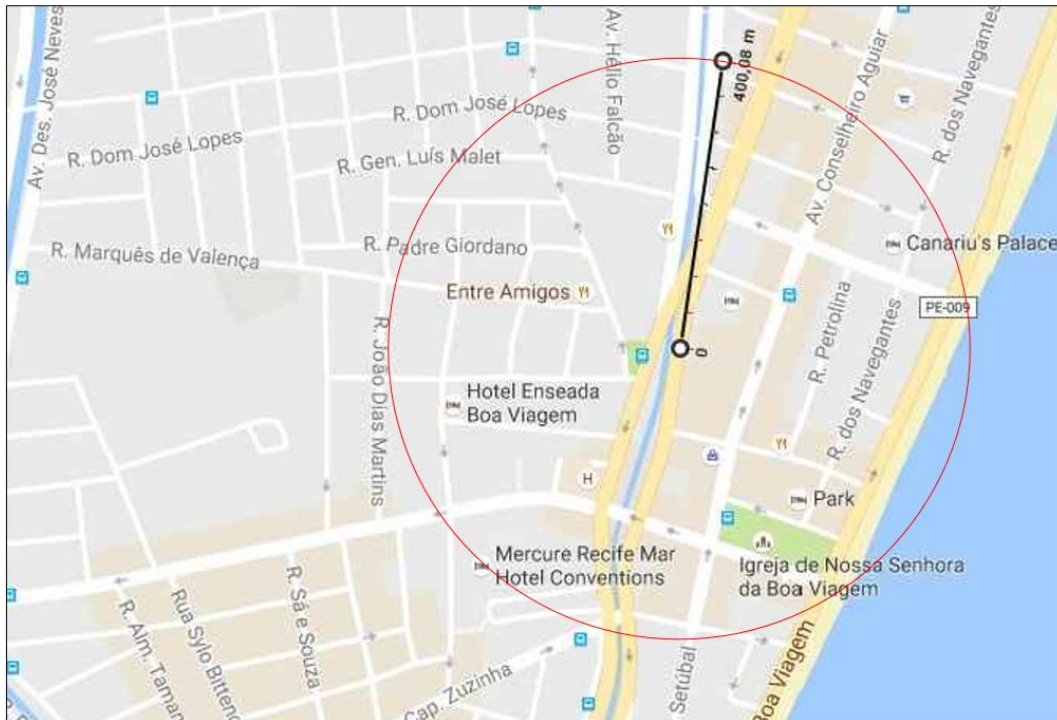
O bairro de Boa Viagem apresenta uma grande extensão em área, o que comprometeria a realização de uma análise detalhada de todo o espaço. Por esse motivo, foi delimitada uma região no bairro, de forma que fosse possível um estudo mais focalizado. A área foi definida por meio do Google Maps, como mostra a figura 29.

A delimitação da área de estudo foi decidida a partir da escolha de um ponto de referência que estivesse inserido em um local com grande frequência de pessoas, dispondo de estabelecimentos de serviço, que é um fator atrativo a visitantes. Esses aspectos em relação à localização condizem com as condições desejadas para a implantação de *pocket parks*, como já foi abordado.

Assim, foi determinada uma circunferência, com raio de análise em torno de 400 metros, partindo do Mercado Público de Boa Viagem, situado na Avenida Eng. Domingos Ferreira. A intenção foi de abranger o entorno próximo ao Mercado, onde prevalecessem as características encontradas na área, em relação à sua constituição e ao que ela oferece.

O Mercado Público de Boa Viagem foi construído há mais de 40 anos e fica próximo à praça no entorno da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem. Ele é situado no eixo comercial do bairro e em seu entorno há edifícios de uso misto e galerias de uso predominantemente comercial. O local é muito frequentado pela população local e também recebe turistas, aspectos que o tornam um importante ponto de referência na região (SILVEIRA JÚNIOR, 2016).

Figura 29: Delimitação da área de estudo por meio do Google Maps



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

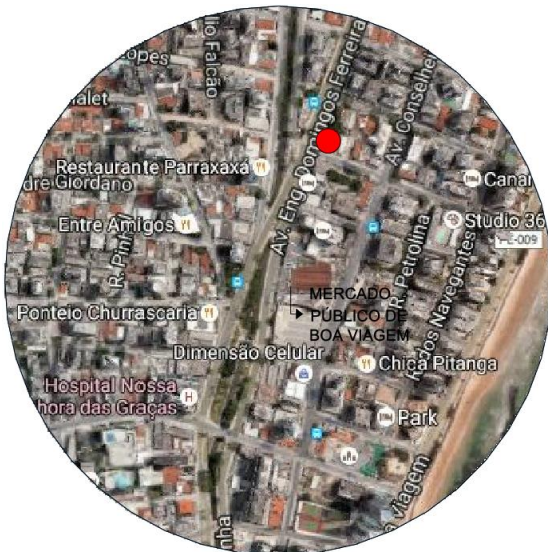
A região delimitada abrange uma grande quantidade de estabelecimentos de serviços¹ e edificações residenciais, lugares conhecidos pelas pessoas e muitas vezes utilizados como ponto de referência, como o Bompreço, o restaurante Parraxaxá, o Pontείο Churrascaria, o Hospital Nossa Senhora das Graças, a feira de Boa Viagem, o Courtyard Recife Boa Viagem, o Condomínio do Edif. Castelinho, entre outros, mostrados também na figura 30.

¹ O setor de serviço é caracterizado por uma grande abrangência de atividades distintas entre si, em relação à aspectos como porte de unidades produtivas, densidade de capital, nível tecnológico e outros. Ele engloba os subsetores de comércio, alojamento (por exemplo, hotelaria) e alimentação (por exemplo, restaurantes), transportes, telecomunicações, intermediação financeira, seguros e previdência privada, atividades imobiliárias, serviços de informática, administração pública, pesquisa e desenvolvimento, educação, saúde e serviços sociais e serviços pessoais e domésticos (IBGE, 1990 apud LEMOS, ROSA e TAVARES, 2002).

imagens ampliadas desses terrenos, que estarão destacados por uma hachura vermelha. As imagens também mostrarão o entorno e alguns locais próximos, mais conhecidos, virão em destaque, de acordo com a seleção realizada pelo Google Maps.

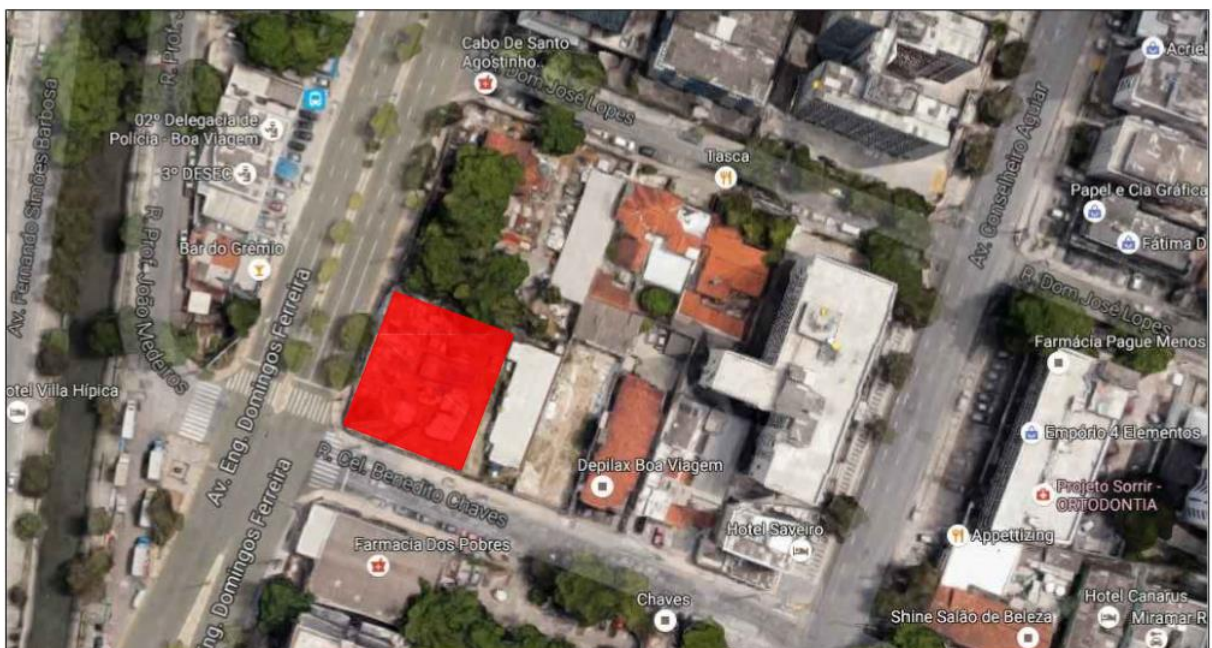
4.1.1 Terreno 1

Figura 31: Identificação do terreno 1 na área delimitada



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

Figura 32: Localização do terreno 1



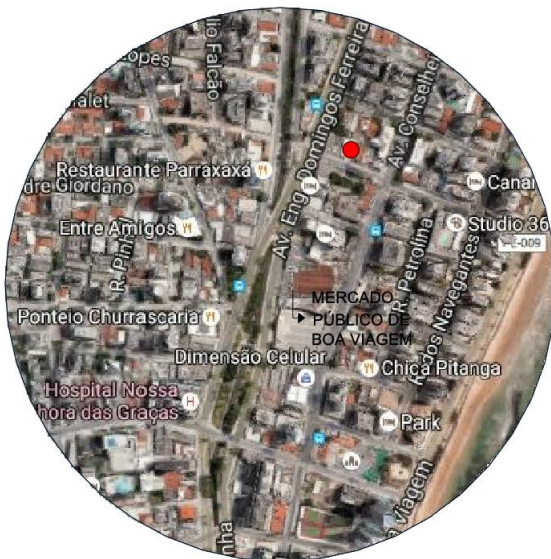
Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

O terreno 1 possui 768,41 m² e localiza-se em uma esquina, apresentando acesso pela Av. Eng. Domingos Ferreira e por meio da Rua Cel. Benedito Chaves. Por estar de frente para a avenida, o local do terreno é bastante movimentado e existe uma variedade de estabelecimentos de serviço no entorno, como farmácias, salões de beleza, hotéis, restaurantes, como pode ser visto na figura 32, o que demanda um grande número de trabalhadores e usuários desses serviços, trazendo frequentadores para a área.

Dado a sua localização, o terreno é de fácil acesso e constitui um espaço potencial para a implantação de um *pocket park*, propiciando também um projeto com várias possibilidades de soluções de espaço, devido à grande área existente que permite ser explorada de diversas maneiras. O seu formato possui largura e comprimento visualmente quase semelhantes, aproximando-se da forma de um quadrado.

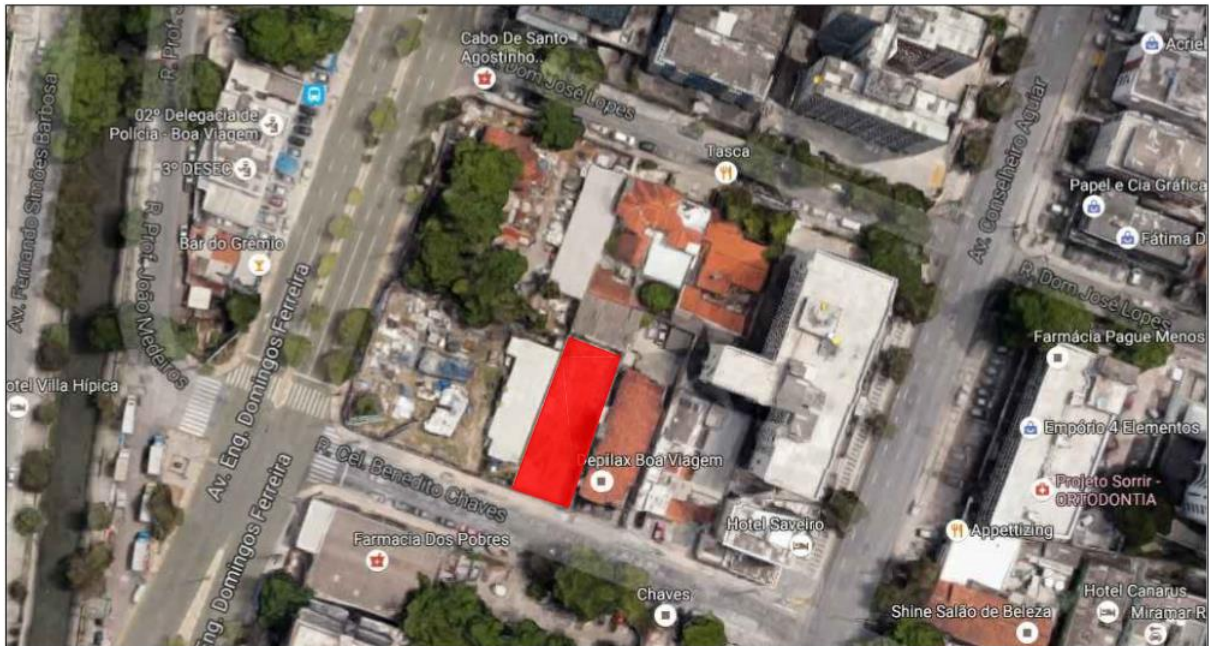
4.1.2 Terreno 2

Figura 33: Identificação do terreno 2 na área delimitada



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

Figura 34: Localização do terreno 2

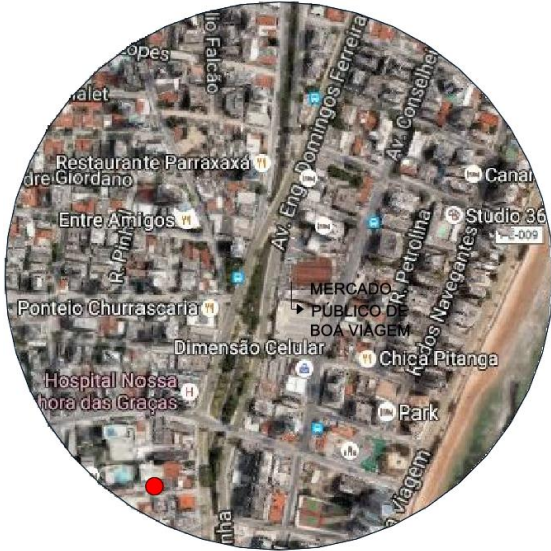


Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

O terreno 2 é localizado na mesma quadra do terreno 1, ainda próximo à Av. Eng. Domingos Ferreira, estando locado entre duas edificações e com acesso pela Rua Cel. Benedito Chaves. A área possui 365,33 m², sendo um espaço mais estreito na largura, por onde se dá a entrada, e com uma extensão maior em profundidade. Ao lado do local existe um salão e a característica da vizinhança é mesma já apresentada no terreno 1.

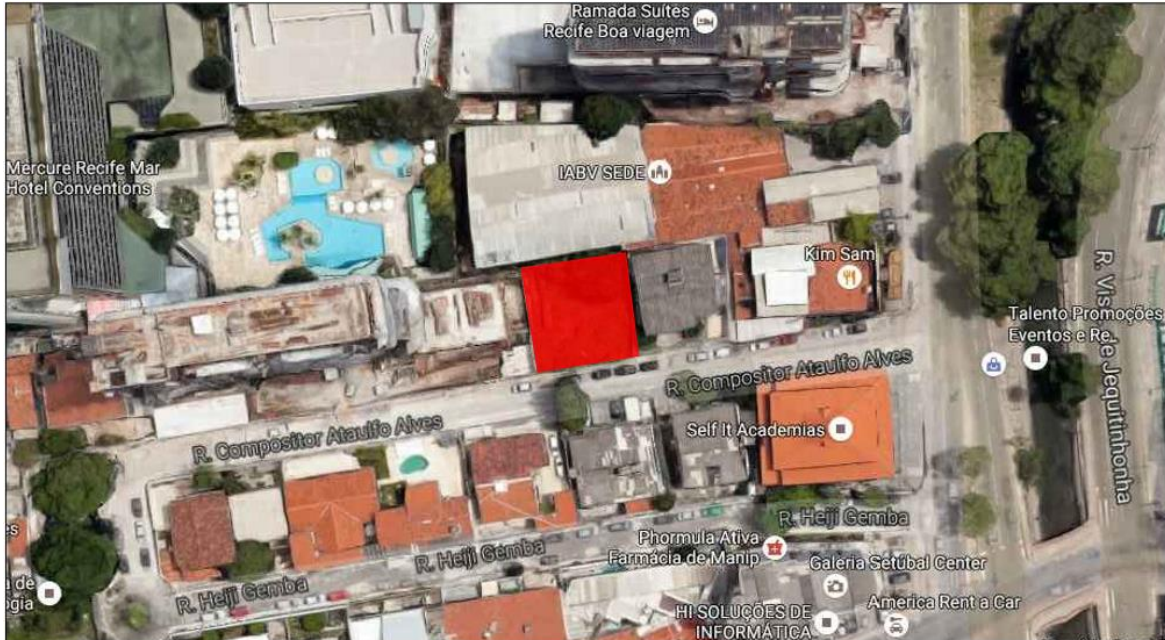
4.1.3 Terreno 3

Figura 35: Identificação do terreno 3 na área delimitada



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

Figura 36: Localização do terreno 3



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

O terreno 3 possui 372,82 m², está localizado entre duas edificações, o seu acesso se dá pela Rua Compositor Ataulfo Alves e seu formato confere comprimento e largura quase semelhantes. No entorno do local existe um academia, um restaurante, hotéis, uma galeria, edificações residenciais e outros pontos de serviços que podem ser visualizados na figura 36.

A rua onde o espaço está inserido é próxima da Rua Visconde de Jequitinhonha, que é uma importante via de fluxo de veículos em Boa Viagem, utilizada por muitas pessoas, diariamente.

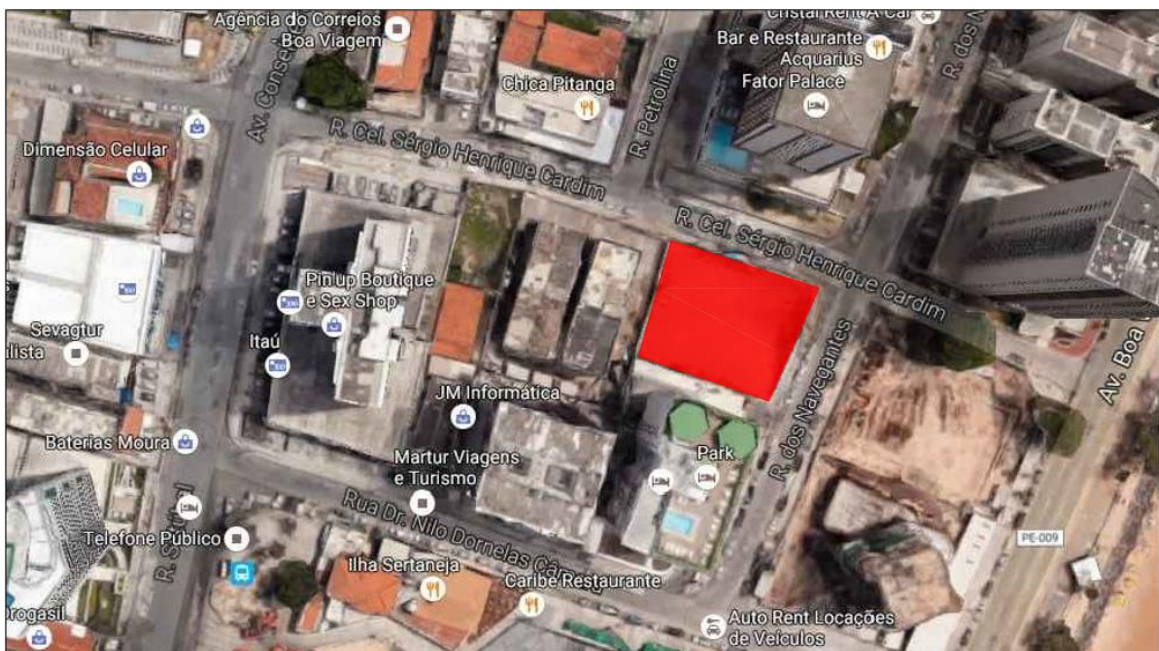
4.1.4 Terreno 4

Figura 37: Identificação do terreno 4 na área delimitada



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

Figura 38: Localização do terreno 4



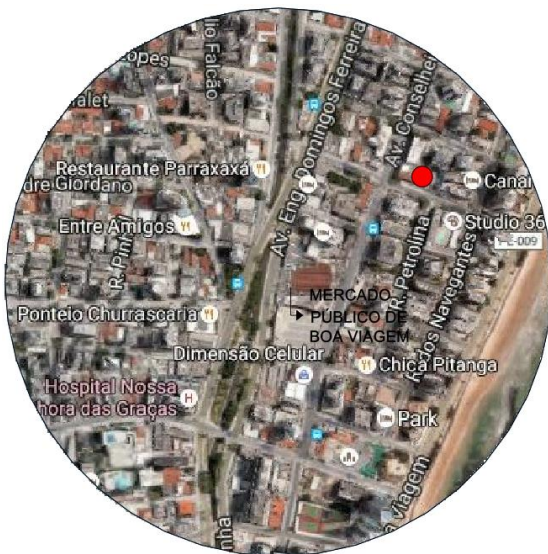
Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

O terreno 4 também se localiza em uma esquina, tendo como acesso a Rua dos Navegantes, uma das mais conhecidas e movimentadas do bairro, e a Rua Cel. Sérgio Henrique Cardim. O espaço possui 863,18 m² e no entorno são encontrados edifícios residenciais, restaurantes, uma agência de correios e outros estabelecimentos de serviço que podem ser visualizados na figura 38.

A quadra onde o terreno está inserido fica próxima à Avenida Boa Viagem, que corta todo o bairro e possui grande fluxo de veículos e pedestres, diariamente, na maior parte do dia. O terreno dispõe de uma grande área, com arestas extensas em largura e comprimento, apresentando maior abertura voltada para a Rua Cel. Sérgio Henrique Cardim. O espaço possui uma localização bastante acessível e onde há grande circulação de pessoas.

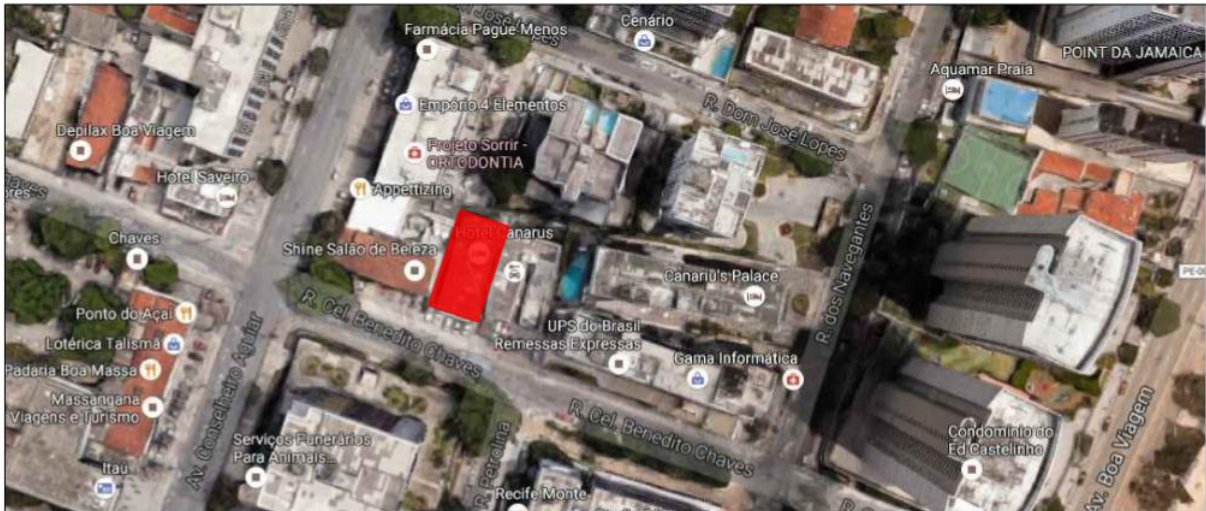
4.1.5 Terreno 5

Figura 39: Identificação do terreno 5 na área delimitada



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

Figura 40: Localização do terreno 5



Fonte: GOOGLE MAPS (adaptação autoral), 2016

O terreno 5 apresenta 322,85 m² e localiza-se também na Rua Cel. Benedito Chaves, por onde se dá o seu acesso, estando locado uma quadra depois de onde foram identificados os terrenos 1 e 2, já abordados. O espaço fica entre duas edificações, possui uma dimensão mais extensa em profundidade e apresenta uma fachada mais estreita. No entorno existem edifícios residenciais, restaurantes, hotéis, banco, farmácia e outros estabelecimentos de serviço, podendo ser visualizados na figura 40.

O terreno situa-se em uma quadra próxima à Av. Boa Viagem, tornando o espaço de fácil localização, devido à referência que essa avenida representa para o bairro, sendo a mais conhecida do local, possibilitando também um fácil acesso à população que utiliza esta via.

No presente estudo de viabilidade foram identificados terrenos com dimensões e formatos diferentes, em diferentes posições dentro de uma quadra, mas sempre locados em áreas acessíveis e próximas de estabelecimentos comerciais, hotéis, restaurantes e outros serviços urbanos. Dessa forma, os trabalhadores do entorno próximo, que frequentam rotineiramente a área, poderiam utilizar o espaço para momentos de descanso, assim como os moradores da região e os visitantes que passarem pelo lugar.

Dentro da área delimitada não foram encontrados terrenos desocupados em locais de difícil acesso ou distantes das principais ruas e avenidas do bairro, para serem utilizados como formas de exemplo que não funcionariam para a implantação de projetos de *pocket parks*. A localização nessas ruas e avenidas, ou próxima destas, é essencial para que o local possa ser visto pelas pessoas que transitem na área e despertem o interesse ou curiosidade desse

público. Os *pocket parks* devem ser equipamentos públicos de visibilidade para a população para que possam ser usados com frequência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da função, importância e influência dos espaços livres públicos em uma cidade traz uma maior perspectiva da relevância dessa categoria de espaço nas cidades grandes. A interferência que essas áreas possuem na qualidade de vida da população e do ambiente urbano afirmam a necessidade de se enfatizar o tratamento das mesmas no planejamento dos municípios, investindo em melhorias e valorizando essa tipologia espacial.

As pessoas cada vez mais precisam de alternativas de conexão com o meio natural e espaços que permitam a vivência com o mundo exterior às edificações, onde passam a maior parte do dia, devido a todas as atividades que precisam executar. A paisagem nos centros urbanos, atualmente, com o adensamento de construções, afasta a população desse contato com a natureza.

Ambientes ao ar livre para lazer, relaxamento e convívio social devem fazer parte da rotina dos cidadãos. Eles agem como uma forma de resgate do convívio com o meio natural e também como um incentivo à sua utilização, devido a todos os benefícios proporcionados por essas áreas, como o bem-estar psicológico, o desenvolvimento de uma vida em comunidade, contato com elementos da natureza, entre outros.

O *pocket park*, como uma alternativa diferenciada de equipamento público urbano, merece ter uma maior divulgação para que a sociedade possa conhecer melhor as características que envolvem o conceito desse espaço, principalmente nos centros urbanos. Normalmente essas regiões necessitam de um tratamento especial quanto à questão dos espaços livres públicos, por causa das necessidades e também dificuldades encontradas para a instalação dessas áreas, de forma que sejam adequadas e suficientes.

Por meio das definições e dos estudos de caso apresentados sobre *pocket parks* é possível perceber a variedade de projetos e possibilidades de implantação desse espaço no meio urbano, o que facilita a adesão desse tipo de equipamento como uma nova forma de espaço livre público. Existem muitas alternativas de adaptações do conceito que podem ser realizadas, de modo a adequar a proposta ao contexto em que será inserida. Cada lugar demonstra necessidades e condições específicas que devem e podem ser respeitadas sem modificar as principais funções que são atribuídas a um *pocket park*.

Apesar da intensidade da paisagem edificada nas grandes cidades hoje, existem várias áreas que podem comportar um espaço como um *pocket park*, por não se precisar de amplos terrenos para a execução de projetos com esse conceito. Assim, os *pocket parks* constituem uma efetiva alternativa de espaço livre público que não demandam grandes áreas e recursos

para sua instalação e manutenção, trazem benefícios consideráveis à população e vem sendo utilizados em várias cidades do mundo e recentemente também no Brasil, não havendo, todavia, relato da aplicação deste conceito em Recife.

REFERÊNCIAS

ALVARES, L.C.; VAINER, C.B.; QUEIROGA, E.F. Conflitos urbanos e espaços livres públicos - construção de uma metodologia para estudos comparativos. In: TÂNGARI, V.; ANDRADE, R.D.; SCHLEE, M. (Org.). **Sistema de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, p. 124-139.

ARAÚJO, I. **São Paulo elabora projeto de criação de pequenos parques pela cidade**, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.pensamentoverde.com.br/governo/sao-paulo-elabora-projeto-de-criacao-de-pequenos-parques-pela-cidade/>>. Acesso em: out. 2016.

AUGUSTIN, L. **Pocket parque**, set. 2016. Disponível em: <http://arquiefoco.blogspot.com.br/2016/09/pocket-parque-de-finicao-de-pocket_15.html>. Acesso em: set. 2016.

AZAMBUJA, A. **Praça de Bolso do Ciclista**, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.urb.im/ca1603cup>>. Acesso em: set. 2016.

BARGOS, D.C.; MATIAS, L.F. Áreas verdes urbanas: um estudo de revisão e proposta conceitual. **Revista SBAU**, Piracicaba, 2011. Disponível em: <http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos_cientificos/artigo169-publicacao.pdf>. Acesso em: fev. 2016.

BARROS, I. UFPE vai orientar prefeitura a aproveitar espaços livres da cidade. **JC Online**, Recife, nov. 1999. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/JC/_1999/0411/cd0411i.htm>. Acesso em: nov. 2016.

BERETTA, B.; ANDRADE, J. Reflexões conceituais: o espaço livre público como o espaço da experiência. In: 1º Congresso Internacional Espaços Públicos, 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/003_C.pdf>. Acesso em: mar. 2016.

BERTOLINI, E. **Curitiba inaugura Praça de Bolso do Ciclista**, set. 2014. Disponível em: <<http://vadebike.org/2014/09/praca-de-bolso-do-ciclista-curitiba-inauguracao/>>. Acesso em: set. 2016.

BOECHAT, J.P. **Paley Park**, set. 2015. Disponível em: <<https://uffpaisagismo.wordpress.com/2015/09/09/paley-park/>>. Acesso em: jul. 2016.

BOECHAT, J.P. **Pocket Park da Rua Amauri**, mar. 2016. Disponível em: <<https://uffpaisagismo.wordpress.com/2016/03/07/pocket-park-da-rua-amauri/>>. Acesso em: ago. 2016.

BORTOLUZZI, S.D.; HOCHHEIM, N. Mapeamento e análise dos espaços livres públicos de Centro de Florianópolis-SC, como contribuição ao planejamento urbano e gestão ambiental. In: II Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia – SEGeT, 2005, Resende. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos05/253_ARTIGO_SEGET2005.pdf>. Acesso em: ago. 2016.

BRUGNOLO, B. Cidadãos vão à luta por espaços urbanos de Curitiba. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 maio, 2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cidadaos-vaio-a-luta-por-espacos-urbanos-de-curitiba-9ec1plzyunltk6687jhqajxou>>. Acesso em: set. 2016.

CALDEIRA, J. M. **A praça brasileira - Trajetória de um espaço urbano: Origem e modernidade**, Campinas: FGV CPDOC, 2007. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/trabalhos/OCR_CALDEIRA.pdf>. Acesso em: ago. 2016.

CARNEIRO, A. R. S. Os espaços verdes na história do Recife. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40220/43086>>. Acesso em: set. 2016.

CARNEIRO, A. R. S.; MESQUITA, L. B. **Espaços livres do Recife**. Recife, Prefeitura Municipal da Cidade do Recife/UFPE, 2000.

CAVALHEIRO, F.; DEL PICCHIA, P.C.D. Áreas verdes: conceitos, objetivos e diretrizes para o planejamento. In: 1º Congresso Brasileiro Sobre Arborização Urbana e 4º Encontro Nacional Sobre Arborização Urbana, p. 29-38, 1992, Vitória. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.labs.ufpr.br/site/wp-content/uploads/2014/07/cavalheiro_anaisdecongressos_cbau_1992.pdf>. Acesso em: fev. 2016.

COLLOR, V. **Conhecendo: Tuk Burger**, mar. 2015. Disponível em: <<http://victorcollor.com.br/comerebeber/conhecendo-tuk-burger/>>. Acesso em: set. 2016.

CUNHA, R.D.A. Os espaços públicos abertos e as leis de uso e ocupação do solo: Uma questão de qualidade para ambientes sustentáveis. In: III ENECS – Encontro Nacional Sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2003, São Carlos. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/064_C.pdf>. Acesso em: jul. 2016.

CUSTÓDIO, V., et al. Espaços livres públicos nas cidades brasileiras. **Revista Geográfica de América Central**, Heredia, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2201/2097>>. Acesso em: set. 2016.

DEGREAS, H. **Tipos de espaços livres públicos: Praças, Átrios, Largos, Pátios**, mar. 2010. Disponível em: <<https://helenadegreas.wordpress.com/2010/03/12/algumas-tipologias-de-espacos-livres-publicos-pracas-atrrios-largos-patios/>>. Acesso em: mar. 2016.

DESIGNING LIVABLE COMMUNITIES. **Formosa Pocket Park**, 2013. Disponível em: <<http://priceprojectdatabase.usc.edu/formosa-pocket-park/>>. Acesso em: set. 2016.

DIAS, D. **Em Curitiba, ciclistas criam uma praça de bolso**, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.mobilize.org.br/noticias/6590/em-curitiba-ciclistas-criam-uma-praca-de-bolso.html>>. Acesso em: ago. 2016.

DUARTE, D. A. B. G.; FILHO, V. L. Z. Índice de área verde por habitante para o município de Timburi – SP. In: XVI Encontro de Geógrafos Brasileiros - Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças - Espaço de Diálogos e Práticas, 2010, Porto Alegre.

Anais eletrônicos... Disponível em:

<www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2294>. Acesso em: ago. 2016.

ESCADA, M. I. S.; KURKDJIAN, M. L. N. O. Utilização de tecnologia sensoriamento remoto para o planejamento de espaços livres urbanos de uso coletivo. In: VII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 1993, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://mar.tecnico.uff.br/col/sid.inpe.br/iris@1912/2005/07.20.00.15.56/doc/048-055.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

FECOMERCIO SP. **Plano Diretor de São Paulo prevê pequenos parques pela cidade**, ago. 2014. Disponível em: <<http://www.fecomercio.com.br/noticia/plano-diretor-de-sao-paulo-preve-pequenos-parques-pela-cidade>>. Acesso em: ago. 2016.

FERREIRA, A. D. **Efeitos positivos gerados pelos parques urbanos: O caso do Passeio Público da cidade do Rio de Janeiro**, Niterói: UFF, 2005. Disponível em: <<http://www.uff.br/cienciaambiental/dissertacoes/ADFerreira.pdf>>. Acesso em: ago. 2016.

FLICKR. [**Entrada do Paley Park**]. New York, Paley Park (Zion & Breen 1967), maio, 2011. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/j0n6/5873812605/in/photostream/>>. Acesso em: set. 2016.

FLICKR. [**Entorno do Paley Park**]. New York, Paley Park (Zion & Breen 1967), maio, 2011. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/j0n6/5874310698/in/photostream/>>. Acesso em: set. 2016.

FONSECA, M. T., et al. Comida de Rua na Cidade de São Paulo, SP: Uma Breve Descrição. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, abr. 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1823/pdf_121>. Acesso em: set. 2016.

GASPAR, L. **Bairros do Recife**, out. 2016. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=500>. Acesso em: nov. 2016.

GLOBO RS. **Porto Alegre sedia festival com food trucks e shows; veja a programação**, mar. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/03/porto-alegre-sedia-festival-com-food-trucks-e-shows-veja-a-programacao>>.

alegre-sedia-festival-com-food-trucks-e-shows-veja-programacao.html>. Acesso em: set. 2016.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, maio, 1995. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: mar. 2016.

GODOY, M. C. M. R.; SCHENK, L.R. Parque público em Araraquara: Uma aproximação metodológica a partir do desenvolvimento de Trabalho de Graduação Interdisciplinar em Arquitetura e Urbanismo. In: 1º Congresso Internacional Espaços Públicos, 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em:
<http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/171_C.pdf >. Acesso em: set. 2016.

GOMES, M. **Food bikes, as bicicletas gastronômicas do Recife**, abr. 2015. Disponível em:
<<http://naoseicozinhar.ne10.uol.com.br/food-bikes-as-bicicletas-gastronomicas-do-recife>>. Acesso em: set. 2016.

GOMES, M.A.S.; SOARES, B.R. Reflexões sobre qualidade ambiental urbana. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, jul. 2004. Disponível em:
<<http://www.cchla.ufrn.br/geoesp/arquivos/artigos/ArtigoAmbienteQualidadeAmbientaUrbana.pdf>>. Acesso em: maio, 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização da Praça da Amauri**]. 2016. Título de pesquisa: Praça da Amauri, São Paulo. Disponível em:
<<https://www.google.com.br/maps/place/Fornieria+San+Paolo/@-23.5815211,-46.6855647,670m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94ce57690e906791:0xd780842caa5b2645!8m2!3d-23.581526!4d-46.683376>>. Acesso em: nov. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização do Paley Park**]. 2016. Título de pesquisa: Paley Park. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Paley+Park/@40.760177,-73.9751519,42m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x89c258fbbd064671:0x6a37dc1fd48bf15e!8m2!3d40.7602082!4d-73.9749154>>. Acesso em: out. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização da Pracinha Oscar Freire**]. 2016. Título de pesquisa: Pracinha Oscar Freire, São Paulo. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Pracinha+Oscar+Freire/@-23.5624215,-46.6716502,670m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x94ce59d575078a7d:0xb25e82ce556271!8m2!3d-23.5624264!4d-46.6694615>>. Acesso em: out. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização da Praça de bolso do ciclista**]. 2016. Título de pesquisa: Praça de bolso do ciclista. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Pra%C3%A7a+de+Bolso+do+Ciclista+-+Centro,+Curitiba+-+PR/@-25.4286144,-49.2685608,384m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x94dce41498db52c5:0xe545048995764cb8!8m2!3d-25.4283795!4d-49.2685396>>. Acesso em: out. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização do Formosa Pocket Park**]. 2016. Título de pesquisa: Formosa Pocket Park, West Hollywood. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Formosa+Park/@34.0918925,-118.3481766,606m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x80c2bf28269302bf:0xbd490e167f0610b2!8m2!3d34.0918881!4d-118.3459879>>. Acesso em: out. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Delimitação da área de estudo por meio do Google Maps**]. 2016. Título de pesquisa: Mercado público de Boa Viagem. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Mercado+Publico+De+Boa+Viagem/@-8.1296422,-34.9037127,17z/data=!4m5!3m4!1s0x7ab1fca1bd11147:0x69765ee853291e01!8m2!3d-8.1296475!4d-34.901524>>. Acesso em: nov. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Delimitação da área de estudo com indicação de alguns serviços existentes**]. 2016. Título de pesquisa: Mercado público de Boa Viagem. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Mercado+Publico+De+Boa+Viagem/@-8.1296422,-34.9037127,724m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x7ab1fca1bd11147:0x69765ee853291e01!8m2!3d-8.1296475!4d-34.901524>>. Acesso em: nov. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Identificação do terreno 1 na área delimitada**]. 2016. Título de pesquisa: Mercado público de Boa Viagem. (A mesma referência será utilizada para as figuras 33, 35, 37 e 39). Disponível em:

<<https://www.google.com.br/maps/place/Mercado+Publico+De+Boa+Viagem/@-8.1278284,-34.9016699,1215m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fca1bd11147:0x69765ee853291e01!8m2!3d-8.1296475!4d-34.901524>>. Acesso em: nov. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização do terreno 1**]. 2016. Título de pesquisa: R. Cel. Benedito Chaves, Boa Viagem. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+Benedito+Chaves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-380/@-8.1281423,-](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+Benedito+Chaves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-380/@-8.1281423,-34.901438,181m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x7ab1fb6090d308b:0x4351b40781d16a8!8m2!3d-8.1281436!4d-34.9008908)

[34.901438,181m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x7ab1fb6090d308b:0x4351b40781d16a8!8m2!3d-8.1281436!4d-34.9008908](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+Benedito+Chaves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-380/@-8.1281423,-34.901438,181m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x7ab1fb6090d308b:0x4351b40781d16a8!8m2!3d-8.1281436!4d-34.9008908)>. Acesso em: nov. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização do terreno 2**]. 2016. Título de pesquisa: R. Cel. Benedito Chaves, Boa Viagem. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+Benedito+Chaves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-380/@-8.1281423,-](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+Benedito+Chaves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-380/@-8.1281423,-34.901438,181m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x7ab1fb6090d308b:0x4351b40781d16a8!8m2!3d-8.1281436!4d-34.9008908)

[34.901438,181m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x7ab1fb6090d308b:0x4351b40781d16a8!8m2!3d-8.1281436!4d-34.9008908](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+Benedito+Chaves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-380/@-8.1281423,-34.901438,181m/data=!3m2!1e3!4b1!4m5!3m4!1s0x7ab1fb6090d308b:0x4351b40781d16a8!8m2!3d-8.1281436!4d-34.9008908)>. Acesso em: nov. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização do terreno 3**]. 2016. Título de pesquisa: R. Compositor Ataulfo Alves, Boa Viagem. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/maps/place/R.+Compositor+Ataulfo+Alves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE/@-8.1326733,-](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Compositor+Ataulfo+Alves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE/@-8.1326733,-34.90389,106m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fcb833a054f:0x79a6aedec7fce0b!8m2!3d-8.1327612!4d-34.904266)

[34.90389,106m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fcb833a054f:0x79a6aedec7fce0b!8m2!3d-8.1327612!4d-34.904266](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Compositor+Ataulfo+Alves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE/@-8.1326733,-34.90389,106m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fcb833a054f:0x79a6aedec7fce0b!8m2!3d-8.1327612!4d-34.904266)>. Acesso em: nov. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização do terreno 4**]. 2016. Título de pesquisa: R. Cel. Sérgio Henrique Cardim, Boa Viagem. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+S%C3%A9rgio+Henrique+Cardim+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-390/@-8.1312359,-](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+S%C3%A9rgio+Henrique+Cardim+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-390/@-8.1312359,-34.9009599,127m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fc985b8c4a1:0xdeab569f72ad30ab!8m2!3d-8.1309265!4d-34.9007296)

[34.9009599,127m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fc985b8c4a1:0xdeab569f72ad30ab!8m2!3d-8.1309265!4d-34.9007296](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+S%C3%A9rgio+Henrique+Cardim+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-390/@-8.1312359,-34.9009599,127m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fc985b8c4a1:0xdeab569f72ad30ab!8m2!3d-8.1309265!4d-34.9007296)>. Acesso em: nov. 2016.

GOOGLE MAPS. [**Localização do terreno 5**]. 2016. Título de pesquisa: R. Cel. Benedito Chaves, Boa Viagem. Disponível em:

<[https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+Benedito+Chaves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-380/@-8.1283277,-](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+Benedito+Chaves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-380/@-8.1283277,-34.8999759,123m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fb6090d308b:0x4351b40781d16a8!8m2!3d-8.1281436!4d-34.9008908)

[34.8999759,123m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fb6090d308b:0x4351b40781d16a8!8m2!3d-8.1281436!4d-34.9008908](https://www.google.com.br/maps/place/R.+Cel.+Benedito+Chaves+-+Boa+Viagem,+Recife+-+PE,+51021-380/@-8.1283277,-34.8999759,123m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7ab1fb6090d308b:0x4351b40781d16a8!8m2!3d-8.1281436!4d-34.9008908)>. Acesso em: nov. 2016.

INSTITUTO MOBILIDADE VERDE. **Instituto Mobilidade Verde e Reud inauguram 1º Pocket Park na Rua Oscar Freire em São Paulo**, maio, 2014. Disponível em: <<https://institutomobilidadeverde.wordpress.com/2014/05/21/instituto-mobilidade-verde-e-reud-inauguram-1o-pocket-park-na-rua-oscar-freire-em-sao-paulo/>>. Acesso em: set. 2016.

KLIASS, R. G.; MAGNOLI, M. M. Áreas verdes de recreação. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40254/43120>>. Acesso em: out. 2016.

KRONKOSKY CHARITABLE FOUNDATION. **Pocket Parks**, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.kronkosky.org/Research/Foundation-Research/Research-Briefs>>. Acesso em: ago. 2016.

KSA DESIGN STUDIO. **Formosa Pocket Park**, 2015. Disponível em: <<http://www.ksadesignstudio.com/formosa-pocket-park>>. Acesso em: set. 2016.

LE MOS, M. L. F.; ROSA, S. E. S.; TAVARES, M. M. Os setores de comércio e de serviços. **BNDES**, [S.l.], dez. 2002. Disponível em: <http://www.bndespar.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro_setorial/setorial07.pdf>. Acesso em: nov. 2016.

LIMA, V.; AMORIM, M.C.C.T. A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades. **Revista Formação**, Presidente Prudente, 2006. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/835/849>>. Acesso em: fev. 2016.

LIRA, A. Tuk-tuk chega ao Brasil e vira oportunidade para empreendedores. **Pequenas Empresas & Grandes Negócios**, Rio de Janeiro, jul. 2014. Seção Notícias. Disponível em: <<http://revistapegn.globo.com/Noticias/noticia/2014/07/tuk-tuk-chega-ao-brasil-e-vira-oportunidade-para-empresarios.html>>. Acesso em: set. 2016.

LONDE, P.R.; MENDES, P.C. A influência das áreas verdes na qualidade de vida urbana. **Hygeia**, Uberlândia, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/viewFile/26487/14869>>. Acesso em: fev. 2016.

LOURENÇO, T. *Pocket parks: alterando paisagens urbanas*, out. 2012. Disponível em: <<http://portalarquitetonico.com.br/pocket-parks/>>. Acesso em: mar. 2016.

LUCON, T. N.; FILHO, J. F. P.; SOBREIRA, F. G. Índices e percentual de áreas verdes para o perímetro urbano de Ouro Preto - MG. *Revista SBAU*, Piracicaba, set. 2013. Disponível em: <http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos_cientificos/artigo180sn-publicacao.pdf>. Acesso em: set. 2016.

MALUF, C.S.; GONÇALVES, T.É.C. *Pocket park: Matriz de critérios para implantação*. In: VII Seminário PROJETAR – 2015 - Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática, 2015, Natal. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <<http://projedata.grupoprojetar.ufrn.br/dspace/bitstream/123456789/2054/1/C274.pdf>>. Acesso em: ago. 2016.

MARQUES, A. J.; BARROS, M. V. F. Quantificação das áreas verdes urbana do município de Maringá, PR. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos - A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos, 2014, Vitória. *Anais eletrônicos...* Disponível em: <http://www.cb2014.agb.org.br/resources/anais/1/1406225145_ARQUIVO_ArtigoCompletoAmericoMirian.pdf>. Acesso em: set. 2016.

MARTINS, A. **Com investimento pequeno, food bike é a nova onda após o food truck**, jul. 2015. Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/financas/seunegocio/2015-01-24/com-investimento-pequeno-food-bike-e-a-nova-onda-apos-o-food-truck.html>> Acesso em: set. 2016.

MARTINS, F. O curitibano saiu da toca. Isso é bom, mas tem seus problemas. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 19 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2016/o-curitibano-saiu-da-toca-isso-e-bom-mas-tem-seus-problemas-d8r6dn8007m8thovfj6rxjxhy>>. Acesso em: set. 2016.

MAZZEI, K.; COLESANTI, M.T.M.; SANTOS, D.G.D. Áreas verdes urbanas, espaços livres para o lazer. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedade/natureza/article/view/9350>>. Acesso em: mar. 2016.

MENDES, C. **Conheça 7 lugares para conhecer em Curitiba no feriado de Tiradentes**, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.allowyourself.com.br/single-post/2016/04/19/Conhe%C3%A7a-6-lugares-para-conhecer-em-Curitiba-no-feriado-de-Tiradentes>>. Acesso em: set. 2016.

MORESI, E. **Metodologia de pesquisa**, Brasília: DocPlayer, 2003. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/889693-Metodologia-da-pesquisa.html>>. Acesso: fevereiro, 2016.

NATIONAL RECREATION AND PARK ASSOCIATION. **Creating Mini-Parks for Increased Physical Activity**, nov. 2012. Disponível em: <http://www.nrpa.org/uploadedFiles/nrpaorg/Grants_and_Partners/Recreation_and_Health/Resources/Issue_Briefs/Pocket-Parks.pdf>. Acesso em: ago. 2016.

NUCCI, João Carlos. **Qualidade ambiental e adensamento urbano: um estudo de ecologia e planejamento da paisagem aplicado ao distrito de Santa Cecília (MSP)**, Curitiba: LABS UFPR, 2008. Disponível em: <http://www.labs.ufpr.br/site/arquivos/qldade_amb_aden_urbano.pdf>. Acesso em: mar. 2016.

OH, HOW CIVILIZED. **Paley Park**, ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ohhowcivilized.com/paley-park/>>. Acesso em: set. 2016.

OLIVEIRA, L.A.; MARCARÓ, J.J. Análise da qualidade de vida urbana sob a ótica dos espaços públicos de lazer. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/ambienteconstruido/article/view/3737/2090>>. Acesso em: jun. 2016.

OLMOS, M. **Pocket park development standard**, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.ci.visalia.ca.us/civicax/filebank/blobdload.aspx?blobid=4542>>. Acesso em: out. 2016.

ONE CURITIBA. Praça de Bolso do Ciclista. **One Curitiba**, Curitiba, maio, 2016. Disponível em: <<http://www.onecuritiba.com.br/praca-de-bolso-do-ciclista/>>. Acesso em: set. 2016.

PALLET DIY PROJECTS. **Recycled Wooden Pallet Chair Ideas**, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.palletediyprojects.com/pallet-furniture/recycled-wooden-pallet-chair-ideas/>>. Acesso em: set. 2016.

PEREIRA, E.F.; TEIXEIRA, C.S.; SANTOS, A. Qualidade de vida: abordagens, conceitos e avaliação. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n2/07.pdf>>. Acesso em: jun. 2016.

PESCHARDT, Karin Kragtig. **Health Promoting Pocket Parks in a Landscape Architectural Perspective**, Frederiksberg: Department of Geosciences and Natural Resource Management (IGN), 2014. Disponível em: <http://ign.ku.dk/formidling/publikationer/ign-phd-thesis/filer/Phd_KarinPeschardt_webvers.pdf>. Acesso em: jun. 2016.

PINTEREST. **Pracinha Oscar Freire - workshop Arquitetura para crianças**, 2016. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/517984394616401967/>>. Acesso em: set. 2016.

PRADO, F.O. M.; SANT'ANNA, C.G. Espaços públicos: um respiro verdejante em meio à malha urbana. In: 1º Congresso Internacional Espaços Públicos, 2015, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.pucrs.br/eventos/espacospublicos/downloads/064_C.pdf>. Acesso em: jul. 2016.

PREFEITURA DO RECIFE. **Sobre a RPA 2**, 2016. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/sobre-rpa-2?op=ODU=>>> Acesso em: out. 2016.

PREFEITURA DO RECIFE. **Sobre a RPA 6**, 2016. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/sobre-rpa-6?op=ODU=>>> Acesso em: nov. 2016.

QUEIROGA, E. F.; BENFATTI, D. M. Sistemas de espaços livres urbanos: Construindo um referencial teórico. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/85699>>. Acesso em: jun. 2016.

ROTTLE, Nancy.; MARYMAN, Brice. **Green Futures Toolkit – A Resource Guide for Designing Seattle’s Green Network**, Washington: UW Departments Web Server, 2006. Disponível em: <<https://depts.washington.edu/open2100/toolkit.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

SALDANHA, N. O jardim e a praça: ensaio sobre o lado "privado" e o lado "público" da vida social e histórica. **Ciência & Trópico**, Recife, jan. 1983. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/326>>. Acesso em: abr. 2016.

SANTANA, Daniella Tschoke. **Praça de bolso do ciclista de Curitiba/PR: Idealização, cotidiano e o uso da bicicleta como forma de contestação**, Curitiba: acervo digital UFPR, 2016. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/43135>>. Acesso em: set. 2016.

SEBRAE. **Como montar um food truck**, 2016. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-food-truck,8aea5c669e2df410VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso em: set. 2016.

SILVEIRA JÚNIOR, Roberto Sarmiento da. **A regulação urbanística no ordenamento do espaço urbano: os impactos da Lei 16.176/96 no bairro de Boa Viagem – Recife – PE**, Recife: Repositório Institucional da UFPE, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17487>>. Acesso em: nov. 2016.

TARDIN, Raquel. **Espaços livres: Sistema e projeto territorial**, Rio de Janeiro: Researchgate, 2008. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/280650841_Espacos_Livres_Sistema_e_Projeto_Territorial>. Acesso em: mar. 2016.

TATE, Alan. **Great City Parks**, Abingdon: Ebook777, 2015. Disponível em: <<http://file.ebook777.com/012/9780415538053.pdf>>. Acesso em: jun. 2016.

TOLEDO, F. S.; SANTOS, D. G. Espaços livres de construção. **Revista SBAU**, Piracicaba, mar. 2008. Disponível em: <http://www.revsbau.esalq.usp.br/artigos_revisao/revisao02.pdf>. Acesso em: jun. 2016.

VALE, L. **Pocket parks – os pequenos parques escondidos nas florestas de concreto**, jan. 2016. Disponível em: <<http://larissavale.com/dicas/pocket-parks-os-pequenos-parques-escondidos-nas-florestas-de-concreto/>>. Acesso em: ago. 2016.

WEHO NEWS, **Another WeHo Pocket Park to be dedicated**, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.wehoneews.com/another-weho-pocket-park-to-be-dedicated/>>. Acesso em: out. 2016.

WEINFELD, I. **Praça da Amauri**, 2016. Disponível em: <<http://isayweinfeld.com/projects/praca-da-amauri/>>. Acesso em: nov. 2016.

WORLD LANDSCAPE ARCHITECT. **Formosa Pocket Park - West Hollywood USA - Katherine Spitz Associates**, 2016. Disponível em: <http://worldlandscapearchitect.com/formosa-pocket-park-west-hollywood-usa-katherine-spitz-associates/#.V_xoAvkrLIV>. Acesso em: set. 2016.

Legislação consultada:

LEI nº 6.766, de 19 de dezembro de 1979, que dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6766.htm>. Acesso em: nov. 2016.

LEI nº 16.176/96, Estabelece a Lei de Uso e Ocupação do Solo da Cidade do Recife. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/plano-de-zoneamento-uso-e-ocupacao-do-solo-recife-pe>>. Acesso em: nov. 2016.